



**EDUARDA SILVA VIVAS**

**SEM QUADRA, SEM PÁTIO, E AGORA SEM ESPAÇO  
COMUM NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLETINDO SOBRE UMA PRÁTICA E  
FORMAÇÃO DOCENTE**

**LAVRAS-MG**

**2022**

**EDUARDA SILVA VIVAS**

**SEM QUADRA, SEM PÁTIO, E AGORA SEM ESPAÇO COMUM NO ENSINO  
REMOTO EMERGENCIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLETINDO SOBRE  
UMA PRÁTICA E FORMAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

Orientador:

Dr. Marcio Norberto Farias

**LAVRAS-MG**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Vivas, Eduarda Silva.

Sem quadra, sem pátio, e agora sem espaço comum no Ensino Remoto Emergencial de Educação Física: refletindo sobre uma prática e formação docente / Eduarda Silva Vivas. - 2022.

58 p.

Orientador(a): Marcio Norberto Farias.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. Pesquisa Autobiográfica. 2. Ensino Remoto Emergencial. 3. Educação Física Escolar. I. Farias, Marcio Norberto. II. Título.

**EDUARDA SILVA VIVAS**

**SEM QUADRA, SEM PÁTIO, E AGORA SEM ESPAÇO COMUM NO ENSINO  
REMOTO EMERGENCIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLETINDO SOBRE  
UMA PRÁTICA E FORMAÇÃO DOCENTE**

**WITHOUT COURT, WITHOUT PATIO, AND NOW WITHOUT COMMON  
SPACE IN EMERGENCY REMOTE TEACHING PHYSICAL EDUCATION:  
REFLECTING ON A PRACTICE AND TEACHING TRAINING**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 27 de junho de 2022.

Dra. Luciana Azevedo Rodrigues UFLA

Dr. Rubens Antônio Gurgel Vieira UFLA

**Marcio  
Farias**

Assinado de forma digital  
por Marcio Farias  
DN: cn=Marcio Farias, o,  
ou, email=marxio@ufla.br,  
c=BR  
Dados: 2022.11.07  
22:44:54 -02'00'

Orientador:

Dr. Marcio Norberto Farias

**LAVRAS-MG**

**2022**

Á toda minha família, em especial meu pai Luciano, minha mãe Juliane e meu  
irmão Pedro Iuri, por todo amor que me constrange.  
Á todos meus professores e minhas professoras, e demais profissionais da área,  
por seus esforços, persistência, paciência e dedicação.  
Á toda instituição pública de ensino que ainda abriga sonhos.  
Dedico!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pois em sua infinita bondade, concedeu-me a oportunidade de chegar até esse espaço de formação que muito tenho sonhado.

À Universidade Federal de Lavras, especialmente ao Departamento de Educação e ao Programa de Pós-graduação e a todos os professores pelo compartilhar de conhecimentos, contribuições e oportunidades de formação.

Ao professor Marcio Norberto Farias, fica minha gratidão por aceitar me orientar, muito obrigada por toda paciência, acolhimento e disposição em me ajudar.

A professora Luciana Azevedo Rodrigues, pelo aceite em participar como avaliadora deste trabalho, mas também pelo olhar atento, sensível, diante da minha história, a qual me rendeu muitas reflexões.

Ao professor Cláudio Márcio Oliveira, pela generosidade desde os tempos de graduação e por aceitar fazer parte da comissão julgadora deste trabalho, compartilhando todo seu conhecimento para aprimorá-lo.

Ao professor Rubens Antônio Gurgel Vieira, pelo voto de confiança, empatia e credibilidade ao meu trabalho.

Ao professor Fábio Pinto Gonçalves dos Reis e a professora Camila Sandim de Castro, os quais gentilmente ocuparam a condição de membros suplentes no quadro avaliativo da dissertação.

Aos professores e as professoras, que tive contato desde a educação infantil ao ensino médio em minha cidade natal São Tiago, especialmente a professora Débora, minha primeira professora de Educação Física.

A Escola Estadual Henrique Pereira Santiago e a Escola Estadual Afonso Pena Júnior, espaços que abrigam lembranças incríveis.

A minha amiga Angélica de Souza Silva, por ser meu alicerce no mestrado, por todos os diálogos acadêmicos e pessoais, por todos os lembretes e informações acerca do programa, pelos inúmeros auxílios prestados carinhosamente.

As minhas irmãs emprestadas, Ana Paula Rocha Moura e Mariana Rocha Moura, por fazerem da nossa casa de Lavras extensão de um lar, de uma família amorosa e prestativa.

Por fim, aos meus pais, Juliane e Luciano, pela vida, a meu irmão Pedro Iuri, igualmente pela vida, pois com sua chegada eu renasci. Obrigada por acreditarem em mim, por vezes mais que eu.

**MUITO OBRIGADA**

## RESUMO

Esta pesquisa narrativa autobiográfica possui como anseio não omitir sentimentos que envolveram as experiências pessoais e profissionais da trajetória da pesquisadora até o momento presente, que fora permeada por grandes desafios relatados ao longo desta investigação. Esta narrativa inicialmente, apresenta uma sequência temporal com fragmentos da história de vida da investigadora, logo compartilha-se diversas experiências pessoais relevantes integradas com elementos que levaram à escolha profissional – de professora de Educação Física –. Desse modo, relata-se o encantamento pelo universo escolar, a admiração pela professora e pelas aulas de Educação Física, acrescentado de um acompanhamento familiar atento e amoroso. Na história de vida referente a formação profissional foi pontuada a participação no PIBID, o ingresso na escola e as experiências frustrantes que desencadearam inquietações acerca da decisão profissional. Sendo assim, o trabalho procura relatar a situação de uma professora a procura de maior desenvolvimento profissional e pessoal, além dos desdobramentos advindos da pandemia mundial no exercício cotidiano da docência em aulas de Educação Física escolar e, possíveis recursos para facilitar a aprendizagem dos educandos nesta situação abrupta, atípica e delicada em distintos níveis da esfera da vida humana. Por fim, tornou-se evidente por tudo elucidado que afetos foram produzidos por esta jornada narrativa, que pautou-se na formação humana, um processo um tanto incômodo, porém necessário de alargamento da perspectiva do mundo como mutável, imprevisível e caótico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa Autobiográfica. Ensino Remoto Emergencial. Educação Física Escolar.

## **ABSTRACT**

This autobiographical narrative research has the desire not to omit feelings that involved the personal and professional experiences of the researcher's trajectory until the present moment, which was permeated by great challenges reported throughout this investigation. This narrative initially presents a temporal sequence with fragments of the researcher's life story, then several relevant personal experiences are shared, integrated with elements that led to the professional choice - of Physical Education teacher -. In this way, the enchantment for the school universe, the admiration for the teacher and for the Physical Education classes are reported, added to an attentive and loving family accompaniment. In the life history referring to professional training, participation in PIBID, entering school and frustrating experiences that triggered concerns about the professional decision were punctuated. Therefore, the work seeks to report the situation of a teacher looking for greater professional and personal development, in addition to the consequences arising from the world pandemic in the daily exercise of teaching in physical education classes at school and possible resources to facilitate the learning of students in this area. abrupt, atypical and delicate situation at different levels of the sphere of human life. Finally, it became evident from everything explained that affections were produced by this narrative journey, which was based on human formation, a somewhat uncomfortable but necessary process of broadening the perspective of the world as changeable, unpredictable and chaotic.

**KEYWORDS:** Autobiographical Research. Emergency Remote Teaching. School Physical Education.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFLA – Universidade Federal de Lavras

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PEB – Professor do Ensino Básico

EAD – Ensino à Distância

RBPAB - Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica

BIOgraph - Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica

OMS - Organização Mundial de Saúde

ASPO - *Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio*

SARS 1 – Síndrome Respiratória Aguda Grave 1

SARS 2 - Síndrome Respiratória Aguda Grave 2

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

PET – Plano de Estudo Tutorado

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2. PONTAPÉ INICIAL</b>	12
<b>2.1 A Pesquisa Narrativa Autobiográfica</b>	21
<b>3. IMPEDIMENTO: A Pandemia Covid-19 e o Ensino Remoto Emergencial</b>	26
<b>3.1 Estudante na pandemia</b>	33
<b>3.2 Irmã de um estudante</b>	37
<b>3.3 Professora na pandemia</b>	38
<b>4. A ESCOLA: TIME RESERVA?!</b>	42
<b>4.1 A Educação Física</b>	44
<b>4.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação</b>	48
<b>5. XEQUE-MATE</b>	52
<b>REFERÊNCIAS</b>	54

## 1. INTRODUÇÃO

Esta investigação nasce de acontecimentos pessoais, nos quais uma menina tímida e por certo tempo tão solitária, encontra nas aulas de Educação Física e nas manifestações da cultura corporal de movimento, um acalento para as dificuldades de expressão e socialização. Esta autobiografia relata, como as aulas de Educação Física enriqueceram formativamente a pesquisadora e como o trabalho indissociável entre contexto escolar e familiar foi impreterível para o desenvolvimento efetivo da pesquisadora (enquanto ainda educanda). Logo, esse relato é permeado por inquietações, angústias, tristezas, alegrias, superações entre outros momentos que contribuíram para a construção desse relato tão real e formativo.

Uma vez que, “o processo de se despir na escrita narrativa, buscando novas formas de se encontrar docente é autoformativo para o professor, assim como é uma forma de pesquisa (metodologia) para o professor-pesquisador, além de uma forma de produção de dados” (BRIÃO, 2019, p.85). Como Passeggi (2010) comenta:

Admite-se, como princípio, que as escritas de si, longe comunicar-se o que já se sabe, constituem-se verdadeiros processos de descoberta. Essa dimensão heurística permite a quem escreve explicitar as experiências e transformar saberes implícitos em conhecimento. O narrador, ao redescobrir-se como ser aprendente, reinventa-se. (PASSEGGI, 2010, p. 114).

Então, esta pesquisa narrativa autobiográfica anseia por não omitir sentimentos e emoções que permearam as experiências pessoais e profissionais decorridas ao longo da trajetória de vida da pesquisadora, destacando ao longo do referido relato grandes superações e inquietações que serão descritas nessa investigação. Isto posto, esta narrativa a princípio, almejando incitar as reflexões, apresentará ao longo da introdução aspectos basilares e centrais do estudo, de modo a construir uma visão holística e panorâmica do processo.

Na continuidade da narrativa autobiográfica, se apresentará uma sequência temporal abarcando ao longo do relato, fragmentos marcantes da história de vida da investigadora, haja vista que serão compartilhadas diversas experiências pessoais relevantes que influenciaram à escolha profissional – de professora de Educação Física – e, que por conseguinte desdobraram-se no ingresso do Mestrado Profissional e de igual maneira, na consecução dessa narrativa.

Desse modo, ocorrerão relatos com relação ao encantamento da pesquisadora pelo universo escolar, sua admiração pela professora e pelas aulas de Educação Física, acrescentado de um acompanhamento familiar atento e amoroso. Na história de vida referente a formação profissional foi pontuada a participação no PIBID, o ingresso na escola e as experiências frustrantes enquanto docente e que desencadearam inquietações acerca da decisão profissional.

No segundo tópico, apresenta-se a relevância dos estudos autobiográficos e como esse tipo de investigação permite evocar nos relatos o uso da escrita para suplicar, desabafar, articular, denunciar, reivindicar, defender, apoiar ou amenizar as inquietações que fizeram emergir este estudo por parte da pesquisadora. A autobiografia permitiu assim, como poderá se depreender adiante, que a pesquisadora por meio de suas narrativas, renovasse suas esperanças via práxis educativa, ou seja, na articulação efetiva entre teoria e realidade/prática.

Na terceira seção será narrado aspectos relacionados à pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos a tantas esferas da vida humana. Em especial a narrativa se estruturará em três momentos: um no qual se retratará um pouco da experiência pandêmica enquanto estudante do mestrado; no segundo como irmã de um aluno do ensino fundamental I de uma escola pública; e por último como professora do Ensino Básico, também de uma escola pública.

Sendo assim, o trabalho procura relatar a situação de uma professora a procura de maior desenvolvimento profissional e pessoal, além dos desdobramentos advindos da pandemia mundial no exercício cotidiano da docência em aulas de Educação Física escolar e, possíveis recursos para facilitar a aprendizagem dos educandos nesta situação abrupta, atípica e delicada em distintos níveis da esfera da vida humana. Sendo que tais aspectos, são discorridos na quarta seção com fito central na Educação Física, logo seus aspectos históricos e culturais.

Por fim, se tornará evidente por tudo elucidado que afetos foram produzidos por esta jornada narrativa, que pautou-se na formação humana, um processo um tanto incômodo, porém necessário de alargamento da perspectiva do mundo como mutável, imprevisível e caótico. Um maior detalhamento do estudo, iniciar-se-á de agora em diante.

## 2. PONTAPÉ INICIAL

O universo escolar sempre foi para mim um lugar encantador, lembro até hoje da minha resposta para a pergunta: “o que você mais gosta na escola?” E prontamente minha resposta foi: “eu gosto da escola por estar sempre aprendendo coisas novas”. E o meu olhar para o aprendizado dentro da escola sempre perpassou os conhecimentos científicos e experiências formativas, pois, sendo filha única durante dezoito anos, a escola era para mim lugar de encontro, de amizade, de conflito e de diversas descobertas, diferente do meu universo particular que era englobado pela solidão. Toda a minha vivência no universo escolar é lembrada por mim com muita gratidão e alegria, agradeço todas as vivências, principalmente pelas quais fomentaram um sonho, o de ser professora de Educação Física, o qual me deu uma direção, uma meta, um caminho a traçar.

A minha história com a Educação Física começou na Educação Infantil, etapa na qual era a única aluna que não conseguia pular corda, para explicar tal fato torna-se interessante realizar uma digressão em minha infância, pois diante da minha tamanha tristeza e insatisfação por passar mais tempo na fila do que realmente realizando a atividade, fui presenteada com uma corda pela minha mãe. Lembro-me que depois disso, passei a treinar incansavelmente até aprender e, até mesmo me aventurar por novas formas de manusear a corda. Tal evento, marcou-me tanto que mudou meu modo de refletir acerca de mim mesma e logo sobre minhas potencialidades. As aulas de Educação Física passaram a ser as minhas favoritas e a professora regente a minha maior admiração, pois a considerava legal e divertida, tudo que ela ensinava eu gostava e me saía muito bem, assim meu desejo de ser professora surgiu.

Posteriormente a esses acontecimentos, no início da segunda etapa do Ensino Fundamental, ocorreu um evento semelhante ao anteriormente mencionado, porém agora com outra modalidade esportiva, o Voleibol porque não conseguia jogar, manusear a bola, me causando frustração, até ser presenteada novamente e alcançar meu objetivo. Com isso, vale ressaltar a importância primordial da articulação escola e família, dado que minha mãe frente as minhas dificuldades sempre me incentivou a superá-las, pois foi a partir da sua atenção e apoio que eu consegui me desenvolver e alcançar as habilidades propostas pela professora, sem ela provavelmente eu demoraria muito mais tempo de me aprimorar ou poderia até mesmo ter desistido.

Frente às dificuldades com a Língua Portuguesa conjuntamente com minha timidez, as aulas de Educação Física eram a chave para minha inclusão, expressão e

manifestação. Já no Ensino Médio, por indicação médica passei a frequentar a academia, ao perceber todos os benefícios dos exercícios físicos, passei a gostar e admirar mais o campo da Educação Física.

Felizmente, ao prestar vestibular na Universidade Federal de Lavras (UFLA) para o curso de Licenciatura em Educação Física consegui aprovação. Já ingressa no curso tive a honra de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Este programa tem por intuito proporcionar o enriquecimento formativo de estudantes em formação inicial, dado ao vínculo dos bolsistas às salas de aula na rede pública do ensino por meio da vivência da docência no contexto escolar, na elaboração do plano de ensino e em sua aplicação, em contato efetivo com a realidade vivenciada da futura profissão. Logo, os bolsistas têm a possibilidade de ter auxílio de profissionais experientes na realidade concreta da escola, dado as particularidades próprias ao ato de ensinar, aprimorando as potencialidades e habilidades didáticas necessárias à prática docente. Trata-se de um trabalho de articulação dos conhecimentos epistemológicos da academia e, a realidade concreta da escola, num movimento de *práxis* educativa – essencial à docência.

O referido projeto foi fundamental para minha permanência no curso de licenciatura, pois influenciada por diversos discursos preconceituosos e taxativos sobre a profissão docente, a opção pelo bacharelado surgiu como uma possibilidade de mudança mais auspiciosa profissionalmente. Primeiramente, ao participar do PIBID fui motivada pelo auxílio financeiro, mas ao ter o prazer de trabalhar com pessoas maravilhosas e generosas, as quais se importavam e se preocupavam com os rumos da educação e a qualidade do ensino nas escolas contempladas pelo projeto, me sensibilizei, pude aos poucos soltar a minha voz e por fim, sistematizar os discursos ouvidos nas disciplinas ao exercício da docência (*práxis*) com minhas colegas de trabalho.

Os estágios me oportunizaram experiências muito valiosas e transformadoras, assim como as que ocorreram no PIBID, sem dúvidas esse conjunto de experiências foi primordial para conhecer as diversas nuances que permeiam a licenciatura, fazendo-me desenvolver amor e admiração por lecionar e, bem como da alegria da possibilidade de poder colaborar dentro dos limites das minhas ações, na realidade de meus alunos contribuindo para que estes sejam agentes transformadores de suas realidades.

Ao término da minha graduação, prestei concurso público do estado de Minas Gerais para o cargo de Professora do Ensino Básico (PEB) - Educação Física, era somente uma vaga para aproximadamente quarenta concorrentes e eu consegui a vaga. A prova

era dividida em 60 (sessenta) questões objetivas, 30 de Conhecimentos Gerais, sendo 10 de Língua Portuguesa, 10 de Matemática e 10 de Conhecimentos Didático-Pedagógicos, e 30 de Conhecimentos Específicos. Para minha surpresa e gratidão, consegui ficar em primeiro lugar graças as questões de matemática, pois foram elas que diferenciaram em maior grau a minha pontuação dos demais participantes.

Tal acontecimento me marcou pois, durante toda minha trajetória escolar eu reclamava por ter facilidade em matemática ao invés de Português, muitas vezes desprezava as habilidades em Matemática desejando ser boa na área da Língua Portuguesa, já que este é mais presente na vida cotidiana e influencia diretamente outras áreas. Diante de tal experiência, agradei humildemente as habilidades e aceitei os desafios com a Língua Portuguesa de forma um pouco mais amorosa.

Sobre a prova de conhecimentos específicos, agradeço imensamente as vivências no PIBID e todos os professores da graduação, pois fui realizar a prova com os conhecimentos adquiridos na faculdade, através deles consegui um emprego na minha área de atuação. O que um dia foi um simples pensamento e sonho de criança, hoje é uma situação real: sou professora de Educação Física.

Porém, ao exercer minha profissão, para minha surpresa, eu me deparei com um número muito grande de alunos que não conseguiam ver sentido ou significado na Educação Física, na maioria das aulas e turmas sempre tinham alguma reclamação em relação ao conteúdo, a mim, a escola, a falta de material, foram inúmeras reclamações rotineiramente. Além disso, para a realização das aulas é notório a infraestrutura precária, a qual me rendeu até mesmo problemas de saúde, pois os materiais das aulas de Educação Física são armazenados em um lugar intitulado de “latão”, local que mal tem iluminação e não tem ventilação alguma, tais problemáticas acrescidas a exposição excessiva ao sol, haja vista que a escola não possui quadra, somente um pátio descoberto e por consequência disso, concomitante a este quadro lastimável há também a suspensão das aulas em dias chuvosos.

Diante desse cenário lamentável, contudo não surpreendente, de descaso com a educação, nasceu em mim uma grande frustração, principalmente porque eu imaginava que eu estava preparada para enfrentar qualquer situação, já que eu participei do PIBID durante toda minha graduação, já tinha alguma experiência em lecionar e era a profissão que eu desejava, sonhava e tinha escolhido. Sobretudo nesse momento, senti muita falta do PIBID, pois todos esses desafios, dificuldades e anseios eram discutidos em grupo, hoje percebo o grande diferencial do programa em proporcionar trocas de experiências,

dado que mesmo não possuindo as soluções exatas para cada problema, havia disposto a nós um acolhimento, um processo de escuta ativa e atenta para traçar alternativas e ações mais assertivas frente às dificuldades emergidas da realidade concreta.

Na escola, ao comentar sobre essas questões, recebi acolhimento de alguns colegas, com empatia para ouvir minhas angústias. Eles me deram dicas para desfocar das reclamações, aconselharam-me a endurecer, procurar não ser tão sentimental. Na época foi difícil ouvir isso e perceber também que alguns comportamentos dos alunos possivelmente eram motivados pela imaturidade e pela formação do imaginário de um estereótipo de professor, em suma mais velho, portador do conhecimento e inflexível.

Os alunos na minha realidade são mais ríspidos com professores novos, acredito que minha idade e tamanho também influenciaram na percepção deles, ouvia de alunos e demais funcionários, a todo momento, comentários depreciativos porque parecia muito nova, assemelhava-me as alunas e não tanto com as outras professoras. Então, precisei intitular-me e reafirmar-me constantemente como professora em diversas situações.

Hoje acredito que por essas percepções eu precisava ter uma linguagem corporal realmente mais firme, porém tinha muito temor de ultrapassar a linha tênue existente entre autoridade e autoritarismo. Já que a faculdade inteira critiquei profissionais assim e, aprendi que as vozes dos alunos são importantes e devem ser ouvidas, até hoje estou aprendendo a ter o jogo de cintura nesses quesitos.

Nos demais diálogos com outros colegas, as frases em comum que recebia eram “é assim mesmo, acostuma” “manda para a diretoria” “tira a quadra, deixa sem aula prática” “às vezes você vai precisar gritar” “você é tão nova, se eu fosse você escolheria outra profissão”. Por vezes me sentia a novata chata e inexperiente, entretanto, dois episódios me foram muito marcantes, na qual eu utilizei do recurso de levantar minha voz e para minha surpresa eles ficaram perplexos e a partir disso passaram a me olhar diferente e a me respeitar mais. Eu fiquei chocada, eu tremia por dentro pensando que estava fazendo algo que não fui ensinada, tanto pessoalmente quanto profissionalmente, que não é do meu feitio, mas o pior de tudo é que tinha dado certo, infelizmente muitos alunos estão condicionados a gritos e a punições, por ser algo historicamente construído na trajetória escolar dos educandos e possivelmente familiar.

Este momento referido ocorreu primeiramente, quando entrei numa sala do oitavo ano, pois mesmo antes de dar boa tarde para os alunos, todos eles começaram a bater na mesa e gritar o nome do antigo professor deles. Tal fato, demandou que novamente fosse reforçado via diálogo com eles, que cada professor tem um modo de trabalhar e

características distintas, que não era necessário eles gostarem de mim, mas que o respeito era primordial em nossa relação, porque eu estava exercendo meu trabalho e em nenhum momento eu os desrespeitava ou era arrogante.

O segundo episódio me fez pensar por vários dias se minha postura tinha sido correta, porém foi o que consegui fazer no momento, regida pelo medo de desgostar do aluno (já que era uma criança) e apesar do mau comportamento deste, eu não gostaria de me tornar àqueles profissionais que se negam a lecionar em determinadas turmas por serem de alunos específicos, uma vez que isso realmente acontece no cotidiano escolar. O fato ocorrido foi o seguinte, ao esquecer o apagador do quadro na diretoria, me ausentei da sala de aula para buscá-lo, ao chegar, antes mesmo de apagar o quadro já comecei a comentar como seria a aula, de repente muitos alunos me pediram para olhar o quadro, que estava escrito com a seguinte frase de cunho sexual, “vou comer essa professora” ... Preferi não saber o autor da frase e, ameacei chamar a direção e dar advertência se ocorresse mais algum comportamento igual a esse.

Durante toda a minha vida sempre fui muito respeitada, gosto de ser simpática, sou apaixonada pela educação, adoro utilizar palavras gentis como: por favor, obrigada, desculpe, as famosas “palavrinhas mágicas” aprendidas no Ensino Infantil. Nunca fui de ofender e nem ser ofendida, realmente foram poucos conflitos que enfrentei a respeito disso e, nos primeiros meses trabalhando na escola eu precisei impor respeito e cobrá-lo constantemente, achei um absurdo e comecei a pensar que não queria mais ser professora, que realmente era preciso ser brava e autoritária, que não aguentaria passar a minha vida sendo assim, dotada de uma postura dura e intransigente.

Outras situações perversas que vivenciei na escola e me causaram um grande choque de realidade, foi ver diante dos meus olhos as consequências do uso de drogas e prostituição. Durante um dia de aula, um dos meus alunos rotineiramente não gostava de participar das atividades, era difícil até manter ele no espaço da quadra. Um dia o educando chegou com um pedaço de ferro na mão e ficou andando de um lado para o outro, eu estava morrendo de medo da postura dele e precisava ao menos tirar da mão dele aquele ferro como forma de proteger os demais colegas dele.

Com isso, cheguei perto dele e disse “-ei, o que você está fazendo com esse ferro, me dê ele aqui ou volta com ele para o lugar que você achou”, ele retrucou “-oh professora, vou te dar sim esse ferro, vou te dar ele quando ele estiver tudo cheio de sangue, porque eu vou bater com ele na cabeça daquele menino ali primeiro”. Eu fiquei apavorada por dentro, mais calmamente fui questionando o motivo dele querer fazer isso,

o instrui que não era uma boa escolha, assim sendo dialoguei com o aluno até ele me entregar o ferro que estava em suas mãos.

Após o acontecimento, caminhei até a secretaria e alertei a supervisora, ela respondeu que ele era usuário de droga e que provavelmente estava fazendo isso para chamar a minha atenção, que não teria nada para ser feito e que melhorasse a situação. Eu voltei a dar aula, mas a todo momento fiquei me questionando se o aluno tivesse feito o que queria, como eu poderia reagir, como seria depois para toda a escola?! Enfim, apesar do receio, continuei minhas aulas e nas semanas seguintes, mais especificamente nessa turma, fazia questão de perguntar ao aluno como ele estava, num processo constante de olhar atento e escuta ativa. Ele era muito educado comigo, não era de muitas palavras, certamente a supervisora estava certa, ele queria chamar minha atenção, hoje tenho notícias que ele está internado em clínica de reabilitação.

Em outra turma, tinha uma garota que era muito grossa, ela falava de modo agressivo, com um olhar cínico a todas as minhas perguntas e aos colegas, eu fiquei muito incomodada com essa repetição de comportamento e então comentei com a supervisora da escola, assim descobri que a aluna se prostituía com treze anos e não tinha nenhuma estrutura familiar que a ajudasse a sair dessa situação difícil. Na época nem questionei mais nada, visto a minha perplexidade. O meu choque, decorria pelo fato de que realidades dessa magnitude eu só ouvia casos de pessoas longes, no jornal, nos filmes, todavia agora faziam parte da realidade na qual estava inserida.

Diante disso tudo, era crescente em mim uma grande angústia, pois eram muitos problemas, tristeza, imbróglios que não eram nada semelhantes ao que tinha imaginado, fiquei descrente até mesmo com a humanidade em si, me sentia impotente, mal sabia me portar e reagir diante dessas questões. Apesar da carga horária das aulas não ser tão extensa, meus três dias de trabalho dentro da escola eram extremamente exaustivos, minhas preocupações estavam até interferindo na minha convivência particular, eu não conseguia me desvincular dos problemas da escola. Em primeira instância, os obstáculos transcendiam a esfera profissional (o saber do professor, a didática, a metodologia) e chegavam principalmente na esfera humana, dos problemas em suas nuances sociais, sentimentais, afetivas, espirituais e eu não me sentia minimamente preparada para tais situações.

Porém, antes de desistir por não se tratar de uma decisão fácil, pois envolvia diversas áreas da minha vida como uma muito relevante – a financeira – me instigou a refletir sobre como iria voltar a ser sustentada pelos meus pais? No aspecto emocional,

me questionei sobre como estudei tanto para não atuar? O que meu diploma representa? E o sonhado concurso, a estabilidade, plano de carreira, plano de saúde? Vou trabalhar em quê, onde? E os tantos pensamentos de ter me tornado um fracasso? E o sentimento de estar sendo covarde e fugindo da realidade? Dessa forma, o desejo por fazer mestrado, que já existia, aumentou no contato concreto da atuação profissional.

A chance de ingressar no Mestrado em Educação foi outro sonho conquistado, por proporcionar uma maior capacitação profissional e que por conseguinte reflete na esfera da vida pessoal, já que ganhamos experiências e conhecimentos mais amplos sobre a vida docente e nos relacionamos com colegas de trabalho, alunos e professores. Inicialmente, ao entrar no Programa de Pós-Graduação em Educação, tive o intuito de fazer uma pesquisa ação sobre a percepção dos alunos sobre a escola, motivada a compreender melhor a percepção dos alunos e se possível colaborar para que estes valorizassem e aproveitassem mais o ambiente escolar, contudo fugia da especificidade do campo da Educação Física.

A segunda opção que tinha em pensamento, era de realizar uma pesquisa em torno da condição de trabalho dos professores de Educação Física, em decorrência, como supracitado acima, das minhas vivências pessoais no ambiente de trabalho que influenciam diretamente no desenvolvimento pedagógico. Ingressa no programa em 2020, estava ciente do desafio de encerrar o programa com uma dissertação e o tema da pesquisa foi pensado, revisado e questionado desde a seletiva para o programa.

Diante de tanta incerteza, o impasse de desenvolver uma pesquisa que atendesse todos os requisitos e conjuntamente com minhas angústias pessoais, o desafio residiu em tentar atenuá-los. Por fim, o desenvolvimento de um trabalho escrito desta extensão trouxe à tona um dos meus maiores temores a dificuldade em escrita e oralidade, logo, os entraves com a Língua Portuguesa já relatados neste trabalho.

As palavras e eu nunca fomos amigas, a gente convive, vivemos juntas, ajudamos uma à outra, mas nunca fomos íntimas, principalmente as aferidas em voz alta, esse é o momento de maior rivalidade entre nós duas. Já no silêncio dos pensamentos, as palavras se multiplicam, criam mundos e diversos diálogos, nesses momentos ficamos felizes, a uma conexão, uma troca, somos curiosas e observadoras. Deve ser por isso que já fui questionada várias vezes o motivo do sorriso sem hora, da “voança”, da pergunta constante sobre em qual mundo eu vivo. Ah, eu e as palavras conversamos muito sozinhas, se alguém visse se enganariam da rivalidade, mas quando é para exteriorizar ao

mundo, elas fogem e o meio termo é o papel (escrever), porque no papel conseguimos minimamente entrar em ordem.

Em momentos de grande angústia escrever já foi meu refúgio e modo de comunicação, um hábito que adquiri no Ensino Fundamental, quando não conseguia expor meus pensamentos de forma oral recorria a escrita de cartas, foi assim na minha primeira briga com minhas melhores amigas na infância, foi assim nas discussões de uma adolescente tipicamente “mal compreendida” pela sua mãe, pelas amigas. Através de cartas também já tentei acalantar meu pai no nosso momento de luto pela perda do meu avô, utilizei também tal recurso em relacionamentos amorosos em busca de uma melhor compreensão e comunicação.

O desejo de participar de discussões e expor ideias sempre foi latente, porém, nem sempre expressei, grande parte por vergonha, por gaguejar, por possuir poucos recursos linguísticos/conhecimento, pela pouca coragem e em grande medida pelo medo de críticas. Contudo, estar ao redor de diálogos e ouvi-los sempre foi prazeroso, gosto muito de ser aluna, a minha admiração por professores está ligada nesse ponto, no poder primeiramente da fala, da organização e exposição de ideias, fatos, conteúdo, seguido de a chance de poder ensinar algo e se possível acrescentar algo na vida de alguém. Com isso, dotada de desejos pessoais e de me tornar aluna novamente, de ter momentos sistemáticos de estudos e sair da zona de conforto, principalmente no quesito de desenvolvimento da escrita e oratória, acrescidos dos objetivos profissionais, o Mestrado Profissional se tornou uma meta a ser alcançada.

Relembrando mais pontualmente, no ano de 2017, no último período da graduação de Educação Física, fiz minha primeira tentativa de ingresso no mestrado, não consegui passar nem na primeira seletiva. Hoje percebo que não estava preparada, não tinha maturidade suficiente para percorrer esse processo formativo naquele momento. No ano de 2018 escolhi me matricular em uma especialização em Educação Física Escolar a distância, em termos epistemológicos o curso foi bom (dado que ampliou meus conhecimentos), contudo já no quesito de desenvolvimento da escrita e oralidade não consegui atingir meus objetivos me despertando um sentimento de querer aprender mais.

Na especialização não havia nenhum momento de interação oral, nem com os professores, nem com outros alunos, o que tinha era um fórum de discussão, na qual todos postavam alguma opinião pessoal do conteúdo, às vezes havia questionamentos em algumas respostas, mas muitas vezes não eram respondidos. O momento principal de

escrita, acontecia quando escrevíamos nesses fóruns e no trabalho final que era um artigo, o restante de todo o curso era leituras e avaliações de múltipla escolha.

Este é um ponto negativo do Ensino à Distância (EAD), como explica Maddalena, Junior e Teixeira (2020), pois o professor se torna um mero expositor de conteúdos, enquanto o aluno não intervém ativamente, não havendo, portanto, interatividade, somente há uma transposição do conteúdo com uma lógica de autoestudo, com videoconferências expositivas gravadas, sem diálogo, debates ou alguma prática interativa. Na época que terminei a especialização, mesmo não tendo aprovado a didática, eu não tinha tal percepção, pois para mim o importante era realmente ter conhecimento do conteúdo, boas ideias e organização para auxiliar os alunos em seu aprendizado, pois se o conteúdo era interessante todos iriam querer ouvir e participar, não teria grande problemas com a interação, como tive boas experiências práticas no PIBID, não refleti sobre tal imbróglia.

No ano de 2019 tentei novamente a seletiva do mestrado e dessa vez consegui, foi uma alegria imensa ter conquistado o objetivo, como também foi um medo e frio na barriga muito grande da responsabilidade de encarar todos os desafios que o mestrado proporciona. Porém, fui convicta de encarar minhas dificuldades, meus anseios e desejos, ambicionando me tornar uma professora melhor, isto posto, aprender sobre o trato humano, discutir os anseios da rotina na escola, aprimorar a escrita e oratória.

Entretanto durante o processo, surge um novo modo de vida causado por uma pandemia mundial, a Covid-19, na qual o isolamento social foi uma das medidas preventivas usadas para combater a disseminação do vírus. Este cenário por consequência provocou desdobramentos ao âmbito educacional, isto posto, efetivou-se o ensino remoto emergencial, mudando completamente o ambiente de lecionar. Com isso, minhas dúvidas triplicaram, primeiro não entendia por qual motivo tantos alunos não gostavam da escola. Segundo, não entendia o motivo dos alunos não saberem a função da Educação Física, tinha/tenho medo de virar uma professora “rola-bola” pelo cansaço, por todo obstáculo estrutural físico da escola, não tinha quadra, dispunha de poucos materiais e dada à muita resistência e desrespeito dos alunos.

Agora, frente ao Ensino Remoto Emergencial, eu estava sem quadra, sem pátio e com poucos alunos, já que muitos não tiveram acesso aos meios que o Estado ofereceu como forma de ensino. Com isso, nasceram outras diversas inquietações, como dar aulas de Educação Física, sem a escola e sem a participação dos alunos, já que, se antes estava

ruim, se tornou pior, porque agora eu não tinha nenhum, nem outro. Como ficaria a parte corporal das aulas? E o mestrado e todas as expectativas que eu tinha com ele?

Enfim, entrei em um estado de anomia:

Expressão usada pelos estudiosos de ciências sociais e comportamentais que se refere à dificuldade que se sente hoje de entender o mundo, de saber para onde se está indo, o que fazer com a vida e como pautar as escolhas, desde as mais simples até as mais complexas. Uma sensação de bagunça, vertigem, confusão, desordem é o que caracteriza períodos de anomia (LEO FRAIMAN et al., 2020, p.13).

Tal estado, não se deu somente em meu lado profissional como professora na escola, mas também como aluna da Pós-Graduação, pois dentre meus desejos estava a interação, a troca cotidiana e os diálogos além da sala de aula. Adentrando também meu lado pessoal, como filha, como irmã, neta e dos anseios que esse vírus trouxe, do medo de ser contagiada, do medo de contagiar alguém, medo da perda, com isso, a vontade de desistir do mestrado também passou diversas vezes sobre mim.

Diante desse estado, desenvolver uma pesquisa auto narrativa foi um grande presente oferecido pela banca qualificadora, da qual não precisei omitir todos os sentimentos que envolveram as minhas experiências pontuais que me levaram a minha trajetória profissional até o momento presente de grandes desafios. Para tanto, o próximo tópico terá um maior esclarecimento do que se trata a pesquisa narrativa autobiográfica, os pontos que serão discutidos no trabalho, seguida da contextualização do momento atual de pandemia.

## **2.1 A Pesquisa Narrativa Autobiográfica**

A pesquisa Narrativa Autobiográfica me encantou, como disse anteriormente, pelo fato de não precisar medir todos os sentimentos que se passaram e se passam em minha vida. Ao longo de toda minha trajetória acadêmica, tinha em minha mente que as pesquisas deveriam ser formais, por mais que contenham sentimentos, estes deveriam ficar em segundo plano, o que deveria prevalecer são resultados e as possíveis soluções, algo que sempre me intrigou pela complexidade de lidar com diferentes seres humanos, dotados de diferentes histórias de vidas, distintos valores sociais, morais, religiosos entre outros aspectos.

Acreditava na distinção acadêmica entre razão e emoção, o que equivale a dizer, que me parecia que os saberes racionais estavam em posição privilegiada com relação aos saberes emocionais. Parecia que necessitava, contribuir com uma pesquisa com um resultado certo e uma conclusão indiscutível, quando na verdade não há nenhuma conclusão mais direcionamentos, considerações, reflexões que podem ajudar outros estudiosos em suas inquietações e estudos.

Por isso, apesar de toda vontade de expressar toda minha trajetória de admiração pelo lecionar até o momento, de pensar em desistir por inúmeras decepções e desafios vivenciados no efetivo exercício da profissão, eu escolhi primeiramente seguir o “protocolo” e fazer uma pesquisa qualitativa em torno das possibilidades de dar aulas de Educação Física pelo ambiente virtual, utilizando canais do *Youtube*. Pois, assim traria possíveis soluções para o momento de pandemia, logo, meu trabalho seria útil, diferente de sentimentos e emoções, como diz o ditado popular “o amor não enche a barriga” referenciando o questionamento da legitimidade e contribuição da minha pesquisa para o meio acadêmico.

Porém, através da narrativa autobiográfica eu consegui uma metodologia para a minha pesquisa, que me permitia expor todos os dilemas de uma professora que vai além dos conhecimentos da academia e dos métodos didáticos. Permitindo que eu contemplasse por meio dos relatos (similares a escrita de cartas que ao longo da vida realizava) o uso da escrita para suplicar, desabafar, articular, denunciar, reivindicar, defender, apoiar ou amenizar algo a alguém. De maneira a renovar as esperanças na educação e me (trans)formar professora mais uma vez na reflexão continuamente da práxis.

E mesmo com o pensamento “por que alguém se importaria?”, “estou sendo deveras sentimental”, “autorreferente”, espero, que como as pesquisas autobiográficas de diversos autores que serão citados durante este trabalho e, que me ajudaram ressignificar as minhas experiências e anseios, que a minha investigação também possa ajudar em alguma medida outros pesquisadores e principalmente outros professores em suas jornadas. Já que a pesquisa acadêmica deve servir à humanidade, posto que, é fruto de construção humana e deveria servir fundamentalmente para a transformação, não meramente servir governos ou cumprir protocolos (BRIÃO, 2017).

A autora Gabriela Félix Brião foi a minha primeira leitura de um trabalho autobiográfico, seu trabalho estava dentre os trabalhos enviados pelo meu orientador sobre exemplos desse método de pesquisa. O trabalho de Brião é encantador, o modo

como ela desenvolveu sua história em um livro e com rodapés com todos os referenciais utilizados ficou muito envolvente, me vi em muitas de suas angústias e dilemas e me alegrei com a (in)conclusão de seu trabalho. A autora mesma cita seu desejo de escrever um texto que se assemelhasse ao seu jeito descontraído, dando prioridade a uma linguagem mais acessível, “nada de relatórios com linguagem difícil e recheado de distanciamentos” (BRIÃO, 2017 p.35).

Através de seu referencial alcancei os trabalhos de Passeggi (2016), Bolívar (2007) e Calligaris (1998). Através das referências de Passeggi, utilizando a noção de hipertexto, o trabalho de Delory-Mombergue (2014) também foi contemplado neste trabalho.

Em uma pesquisa no *Google* buscando por pesquisas autobiográficas encontrei a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB). A RBPAB é um periódico quadrimestral, divulgado pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph), que tem por principal objetivo a publicação de artigos acadêmico-científicos inéditos, que aprofundem e sistematizem a pesquisa empírica com fontes biográficas e autobiográficas, assim como de carácter epistemológico, teórico-metodológico, visando fomentar e promover o intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e de outros países, no âmbito do movimento biográfico internacional, como política de socialização de estudos vinculados à pesquisa (auto)biográfica em Educação. Dentro da respectiva revista o Dossiê Narrativas, pandemia e adoecimento social - v. 5, n. 16 – Edição Especial – 2020 teve a minha atenção prioritariamente, por motivos evidentes por tratar da temática do meu trabalho.

Exposto as fontes, vamos a discussão da pesquisa autobiográfica. Segundo Calligaris (1998), a pesquisa autobiográfica tem seu fortalecimento na modernidade ocidental, na qual a subjetividade do sujeito passa a ser crucial e ter grande valor em uma sociedade individualista, influenciadas pelas correntes das filosofias alexandrinas e o cristianismo, não somente na história de uma comunidade ou um povo coletivamente. Porém, antes disso, não de maneira formal, existia e ainda existe o hábito de guardar objetos que nos auxiliam a recordar memórias, como fotos, diários íntimos, objetos e documentos, e tal ação pode ser considerada uma autobiografia material.

Entretanto, o ato biográfico necessita da narração de um sujeito e para tanto, faz se necessário a integração de todos os elementos do passado que o sujeito considera relevantes para descrever, entender ou representar a situação atual e enfrentar prospectivamente o futuro (BOLIVAR, 2007). Por fim, Calligaris (1998), mesmo

trazendo pontuações históricas do ato biográfico e de sua possível desapareição por eventuais outros meios de afirmar ou reivindicar a subjetividade dos sujeitos, o autor aponta a narrativa como uma “poética da experiência” que proporciona significação e consistência a vida dos sujeitos.

Sobre a narrativa, Passeggi (2016) afirma o interesse cada vez maior, nos últimos trinta anos das ciências humanas, apesar de ser um horizonte de pesquisa desconcertante para o universo científico. Já que “as inquietações nascem da longa tradição da narrativa como objeto (con)sagrado dos estudos literários e da linguagem, que evidenciam aspectos relacionados à subjetividade, à ficção, à estética, à emoção considerados avessos à cientificidade, mas de um valor inestimável para a compreensão do humano” (PASSEGGI, 2016, p.304).

Do mesmo modo, Delory-Mombergue (2014) aponta positividade na tomada das narrativas como fonte de escuta, de acolhimento, de produção e de transformação, pois o processo de biografização tem o poder de atravessar três níveis: 1- como modo de dar conta da realidade vivida; 2- como processo de elaboração de um texto; e 3- como um processo de formação. Este trabalho tem como intuito, ao seu término, atravessar esses três níveis, e, para tanto iremos reportar momentos específicos ao longo da minha história que pontuam as experiências que foram e marcaram a construção da minha identidade profissional que é influenciada pelos acontecimentos da vida privada, a quais perpassam as relações sociais e um espaço, como cita Bolivar (2007):

Uma história de vida é construída a partir da ordenação da bagagem de acontecimentos, vivências e aprendizagens ao longo da vida. Ao mesmo tempo em que organizam as múltiplas experiências de vida em torno de uma trama ou argumento, com uma dimensão temporal, relações sociais e um espaço, elas conseguem constituir mais radicalmente a identidade de cada um como projeto. Ao relatar a singularidade de uma vida, refletem igualmente a coletividade social da qual ela faz parte (BOLIVAR, 2007 p.1).

Inicialmente, na introdução, já foi exposto, em uma sequência temporal, um pouco da minha história de vida com as experiências pessoais relevantes integradas com elementos que me levaram a escolher a profissão de professora de Educação Física, que foram inicialmente: o encantamento pelo universo escolar, a admiração pela professora e pelas aulas de Educação Física, acrescentado de um acompanhamento familiar atento e amoroso. Na história de vida referente a formação profissional foi pontuada a participação

no PIBID, o ingresso na escola e as experiências frustrantes que me levaram a rever minha decisão profissional.

Dessa forma, o trabalho adiante procura entender ou representar a situação atual, de uma professora a procura de maior desenvolvimento profissional e pessoal, depois de desestabilizar-se por circunstâncias pessoais e profissionais marcada por experiências condicionalmente negativas, além da pandemia mundial, de modo a dar novamente sentido ao seu exercício cotidiano, como enfrentar prospectivamente o futuro. Já que, “os professores transmitem um currículo, mas eles próprios são fruto do currículo de vitae cursu (curso da vida), ou seja, do conjunto de vivências, aprendizagens, etc., que foram configurando aquilo que são” (BOLIVAR, 2007 p.2).

### **3. IMPEDIMENTO: A Pandemia Covid-19 e o Ensino Remoto Emergencial**

No final do ano de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) detectou vários casos semelhantes à pneumonia ocorrida em Wuhan, província de Hubei, na China. Até então a causa era desconhecida, posteriormente foi descoberto que se tratava de um novo tipo de coronavírus, o qual nunca tinha sido antes identificado em seres humanos, sendo o responsável por causar a doença Covid-19. Em janeiro de 2020, o surto foi declarado como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional - o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (ABRAFI, 2020).

No Brasil, o primeiro caso positivo de Covid-19 foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020, o paciente diagnosticado foi um homem de 61 anos que viajou à Itália, e deu entrada no Hospital Albert Einstein no dia anterior. Depois desse primeiro caso, o segundo foi no dia 29 de fevereiro, também por um homem que estava viajando pela Itália e diversos casos de suspeita, mas ainda assim o Brasil não tinha evidências de circulação sustentada do vírus em seu território, entretanto o número de países em monitoramento só estava aumentando. Em março o terceiro caso foi confirmado, o positivado também tinha viajado pela Europa, e no dia 05 notificou-se a primeira transmissão interna do vírus no Brasil e a partir disso os números de infectados começaram aumentar drasticamente e sem limite de fronteiras entre os estados (SANAR SAÚDE).

Em 11 de Março a OMS declarou a disseminação comunitária da Covid-19 em todos os continentes, caracterizando-a como pandemia. No Brasil, o Ministério da Saúde declarou reconhecimento de transmissão comunitária do novo coronavírus em todo o território nacional, no dia 20 do mesmo mês e com essa declaração o Ministério da Saúde passou a ter autoridade diante de todos os gestores nacionais e decretou que os estados adotassem medidas que promovessem o distanciamento social e evitassem aglomerações (SANAR SAÚDE).

Visto que, a Covid-19 é uma doença respiratória nova, que é transmitida principalmente de pessoa para pessoa, por meio de contato direto e também pelo contato indireto, através de objetos contaminados ou pelo contato com secreções como saliva e gotículas respiratórias de pessoas próximas que são expelidas pela tosse, espirro, fala ou canto. A contaminação ocorre quando as gotículas infecciosas entram em contato com a

boca, nariz ou olhos (GARCIA, 2020).

Por esse motivo, o Ministério da Saúde também decretou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional e as recomendações para conter o novo coronavírus foram: o isolamento e tratamento dos casos identificados; a realização de testes massivos; e o distanciamento social (ABRAFI, 2020). Nos casos em que o isolamento social não era uma possibilidade, a recomendação era de se manter pelo menos um metro de distância em relação às outras pessoas de maneira a evitar aglomerações, conjuntamente com a utilização de máscaras de tecido. Isto posto, as recomendações foram também para intensificar as ações de higiene básica como lavar as mãos frequentemente, assim como de se cobrir a boca quando necessita espirrar ou tossir (ISER, 2020).

Este cenário comprometeu distintas esferas da sociedade, inclusive a área da educação. Assim sendo, as escolas, universidades, institutos de ensino, por serem lugares de grande aglomeração, em outras palavras, locais contendo normalmente salas muito cheias e em suma, inadequadamente ventiladas, tiveram as atividades suspensas como outros setores. Em razão disso, devido a possibilidade de longa duração da suspensão das atividades escolares presenciais (imposta pela pandemia), surgiu a Educação Remota Emergencial, que em síntese são práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais. A implementação do Ensino Remoto Emergencial desvela algumas problemáticas, dado que não houve a preparação do corpo docente, que por conseguinte não se sente preparado para assumir as atividades escolares com a mediação das plataformas digitais, seja por conta do nível de letramento digital, ou, por limitações tecnológicas para acesso a estes artefatos, como cita Almeida e Alves (2020).

Para além da esfera da saúde e da educação, infelizmente no Brasil, o cenário pandêmico afirmou uma crise política, a qual impactou nos desdobramentos de maiores crises sociais, econômicas, sanitárias, comunicacionais e culturais. Ao passo que o presidente regente Jair Bolsonaro, agrava sua narrativa em um discurso negacionista acerca do vírus e da sua baixa letalidade, confrontando vida e emprego, economia e saúde (SILVA, 2020). Fazendo assim, um ano de luta pela defesa da vida em um país marcado por ausências de políticas de enfrentamento da pandemia da Covid-19.

O Coronavírus se tornou a maior causa de mortes no Brasil, a doença superou o conjunto de todas as doenças cardiovasculares, as mortes diárias por câncer, acidentes e violência, foram recordes de mortes dia após dia (SANAR SAÚDE). Como Silva (2020)

esclarece, o que produz mudanças na política é gente nas ruas e, nos tempos de isolamento social, isso caracterizava-se como risco iminente de se infectar, nesse sentido, a pandemia arrefece qualquer possibilidade de grandes protestos, favorecendo a permanência de tal administração. Em contrapartida, há a possibilidade de solidarização aos parentes dos vitimados, uma espécie de abraço fraterno e solidário aos parentes, “pois essas vidas que se foram são mais do que números, são pessoas que deixam um lastro imenso de saudade, a memória de vocês não será esquecida” (SILVA, 2020).

Lembro-me que em primeira instância, quando surgiram notícias sobre o Covid-19, não dei nenhuma importância, lembro-me de ler e ouvir que o vírus não era tão forte, visto que o álcool em gel o eliminava, num viés negacionista era propagado que as notícias queriam passar medo e desespero. Porém, no momento que as aulas nas universidades foram suspensas, assim como nas escolas e com o passar dos dias não havia nenhuma notícia de retorno, com recordes de contágio e mortes no Brasil e as grandes incertezas sobre o vírus aumentando, a ansiedade tomou conta de mim, fiquei com medo, pessimista, apática e introspectiva como tantas outras pessoas em todo mundo.

O primeiro contato com textos sobre o Covid-19 foi o livro digital “Sopa de Wuhan: Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemia”, leitura ocorrida no grupo de estudos do mestrado “Estudos na Quarentena”, que inicialmente teve o intuito de não perdemos o contato e a rotina de estudos antes da inserção do Ensino Remoto Emergencial. O livro contém diversos textos a respeito da pandemia, como Queiroz (2020) cita:

Essa obra reúne intervenções de uma série de pensadores de várias partes do mundo sobre o tema da atual pandemia de Covid-19. (...) essa publicação é a primeira do projeto editorial Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO) e não consiste na veiculação de material original, mas tão somente na seleção curatorial e edição no formato de livro de textos já publicados em outros meios. O livro apresenta contribuições de 15 autores: Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Jean Luc Nancy, Franco “Bifo” Berardi, Santiago López Petit, Judith Butler, Alain Badiou, David Harvey, Byung-Chul Han, Raúl Zibechi, María Galindo, Markus Gabriel, Gustavo Yañez González, Patricia Manrique e Paul B. Preciado (...) Além da seleção dos textos, a intervenção do editor se restringiu a indicar data de publicação, meio em que foi publicado originalmente e informações biográficas sobre o autor de cada texto. (...) há muita diversidade de estilos de exposição e mesmo gêneros textuais: artigos de opinião, postagens em blogs, diários, crônicas, manifestos... Os argumentos e conclusões desenvolvidos pelos autores são também os mais variados, sendo difícil encontrar um denominador comum às várias contribuições além do

compromisso com uma atitude crítica, o que talvez seja o ponto mais forte do livro.

Dentre todos os textos, os que mais me chamaram atenção foram de Berardi (2020); Žižek (2020); Agamben (2020); Petit (2020); Badiou (2020); Harvey (2020); Han (2020). Através de sua crônica Berardi (2020), fiquei esperançosa sobre a pandemia, levando em consideração que seria um mal necessário, para desacelerar o modo de vida agitado e conseqüentemente aliviar os danos causados na Terra, de modo que fosse uma autodefesa do corpo planetário.

Com isso, o planeta e todos nós humanos poderíamos sair da pandemia melhores, valorizando mais a humanidade, a sonoridade, a empatia e até mesmo pensar uma proposta que antes “parecia impensável, como redistribuição de renda, redução de jornada de trabalho, igualdade, frugalidade, abandono do paradigma do crescimento, investimento das energias sociais na investigação, na educação, na saúde” (BERARDI, 2020).

Porém, o autor não é ingênuo e pontua que o vírus poderia ser a condição de um salto mental, que poderíamos sair dele com uma grande vontade de abraçar a solidariedade social, o contato, a igualdade, mas, por vivermos em condições criadas pelo neoliberalismo, pelos cortes na saúde pública, pela hiperexploração nervosa, o mais provável seria sairmos disso sozinhos, agressivos e mais competitivos.

Na mesma linha de raciocínio, o autor Žižek (2020, p.) também pensa na pandemia como uma oportunidade de mudança de “uma sociedade que se atualiza nas formas de solidariedade e cooperação global”. Porém, lamenta com relação a necessidade de uma catástrofe para nos permitirmos repensar as características básicas da sociedade na qual vivemos, além de uma coordenação global que trabalhe na luta contra o covid-19, a qual poderia já estar empenhada em outras catástrofes já existentes como as secas, ondas de calor, tempestades fora de controle.

O autor ainda reafirma a necessidade de mudanças, lastimando a preocupação dos noticiários com o mercado financeiro, ao invés das inúmeras mortes ocorridas e das demais vidas que vierem a óbito. A falta de empatia e humanidade, decorre do capitalismo, aspecto que reinvidicou uma reorganização da economia global. Diante disso, ele aponta que o vírus é democrático e que não escolhe suas vítimas, que estamos no mesmo barco, entretanto esquece de considerar os diferentes tipos de “barcos” que muitos possuem para viver. Já que a pandemia escancarou a desigualdade social, principalmente em termos de acesso à saúde, educação e tecnologia, desvelando os

privilégios de classes.

Até mesmo o intelectual Harvey (2020) comenta em seu texto, que por mais que exista uma pequena verdade sobre o vírus ser democrático e não reconhecer classes sociais ou outras barreiras e fronteiras sociais, a verdade é que “o progresso do Covid-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça” (HARVEY, 2020, p.). Visto que, a maioria da classe trabalhadora não tem o privilégio de trabalhar em casa, muitos precisam enfrentar transportes públicos lotados, locais de trabalhos impróprios e simplesmente necessitam enfrentar a escolha entre contrair o vírus e ter uma renda, se alimentar ou ficar desempregado, quer dizer sem subsistência.

Mas, compactuando com os autores acima, o intelectual também expõe sua relação com a natureza e recusa a ideia que ela, a natureza, esteja fora e separada da cultura, da economia e vida cotidiana, de modo que, ela sofre alterações pelo capital e algumas condições ambientais favoráveis aumentam a probabilidade de mutações vigorosas. A partir deste ponto, o autor argumenta que não existe um desastre verdadeiramente natural, pois os vírus sofrem mutações o tempo todo, mas as circunstâncias em que uma mutação se torna ameaçadora e fatal dependem das ações humanas. Como exemplos positivos do efeito da pandemia na natureza, conseqüentemente pela diminuição da exploração do homem no ambiente, o autor cita:

O cancelamento de voos de companhias aéreas e a restrição radical de transporte e movimentação tiveram conseqüências positivas em relação às emissões de gases de efeito estufa. A qualidade do ar em Wuhan está muito melhor, como também ocorre em muitas cidades dos EUA. Os locais de ecoturismo terão tempo para se recuperar das pegadas ambientais. Os cisnes retornaram aos canais de Veneza. Na medida em que o gosto pelo excesso de consumo imprudente e insensato for reduzido, poderá haver alguns benefícios a longo prazo. Menos mortes no Monte Everest podem ser uma coisa boa. E, embora ninguém diga isso em voz alta, o viés demográfico do vírus pode acabar afetando as pirâmides etárias, com efeitos a longo prazo sobre os encargos da Previdência Social e o futuro da “indústria de assistência médica”. A vida cotidiana diminui e, para algumas pessoas, isso será uma bênção. As regras sugeridas de distanciamento social podem, se a emergência persistir por tempo suficiente, levar a mudanças culturais (HARVEY, 2020, p.).

Em contrapartida aos pensamentos desses autores, Agamben (2020) já supõem a invenção de uma epidemia, a qual, acrescida de estados de pânico coletivo, limitação da liberdade imposta pelos governos, tal evento se torna um pretexto ideal para o estado de exceção. Certamente, a pandemia não foi uma mentira das mídias, como o autor sugere para a dominação do governo, ela foi real e causou muitas mortes, entretanto se o vírus

foi criado intencionalmente ou se foi um acidente de laboratório, ou se foi através de mutações causadas pelas modificações humanas na natureza ou até mesmo uma reação natural do planeta como sugere Bernardi, realmente não vamos saber.

O texto de Petit (2020), diferente do texto de Bernardi e Zizek (2020), me causou muita angústia e aflição, uma ansiedade paralisante, uma impotência e desilusão da vida. O modo como o autor escreveu seu texto, de modo irônico e provocativo, ressaltando o como somos influenciados pelos meios midiáticos. O autor questiona sobre como nos sentimos bem e protegidos ao lavarmos as mãos como mandam e, com isso conseguimos dormir tranquilos, enquanto o que ocorre ao redor do mundo são diversas atrocidades. Porém, insistimos na afirmação “protegendo a mim mesmo, eu protejo os outros”, de modo a alfinetar a nossa conformação egoísta de olhar somente para nossa situação e pararmos diante da realidade dura que envolve o mundo, nem mesmo tentando ter um pensamento crítico.

Com isso, o controle e manipulação se engrandecem e expõem o quanto somos insignificantes na lógica operacional do mercado, que nossas vidas pessoais não importam, contanto que sempre tenha mais alguém para ir trabalhar e comprar. Assim, sutilmente mais um autor aponta como somos unificados, confinados e dominados pelo medo e vivemos à deriva de movimentos políticos e econômicos que muitas vezes nem nos damos conta.

De maneira oposta a Petit (2020), o autor Badiou (2020) expõe suas considerações sobre o Covid-19 de forma fria, racional e até mesmo sarcástica, como me pareceu, principalmente acerca de todos sentimentos exacerbados na pandemia, fazendo sentirmo-nos dramáticos frente a esta situação. Para ele, a pandemia não é uma situação excepcional, visto que historicamente já ocorreu várias outras pandemias virais como a AIDS, gripe aviária, o vírus ebola e o vírus SARS 1 (Síndrome Respiratória Aguda Grave 1), provocados principalmente pelo “mercado mundial, combinado com a existência de vastas zonas sub medicadas e a falta de disciplina global em relação às vacinas necessárias, produz inevitavelmente epidemias graves e devastadoras” (BADIOU, 2020, p.).

Até mesmo o verdadeiro nome da pandemia, SARS 2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave 2), como cita Badiou (2020) já sinaliza que a pandemia atual não é algo radicalmente novo ou sem precedentes, e que a única crítica séria que poderiam ser feitas às autoridades é a falta de pesquisas a respeito da SARS 1, a qual poderia ter proporcionado ao mundo da medicina instrumentos contra a SARS 2.

Com isso, o autor postula que as medidas tomadas e a adesão de disciplinas rigorosas é necessária e pontual, as demais declarações, apelos e acusações são desnecessárias e colaboram com misticismo, fabulação, oração, profecia e maldição que eram comuns na Idade Média quando a praga varria a terra, hoje comumente disseminadas nas mídias sociais que se tornou “um lugar para a propagação da paralisia mental dos fanfarrões, rumores descontrolados, a descoberta de ‘novidades’ antediluvianas, ou mesmo obscurantismo fascista”. Assim, Badiou (2020) termina suas considerações afirmando e valorizando as comprovações e perspectivas científicas.

O filósofo Han (2020) compartilha do sentimento de Badiou (2020), que há um pânico desmedido pelo vírus, porém o autor pontua os possíveis mecanismos que causaram a comoção repentina de forma mais extensiva e dentre elas está o uso de redes sociais também referida por Badiou (2020). Em sua defesa, o autor esclarece que a sociedade atual se caracteriza por uma sociedade da positividade, a qual viveu durante muitos anos sem inimigos, por isso o vírus se tornou um terror permanente. Além disso, outro motivo para o tremendo pânico está na digitalização da vida, a valorização da vida virtual em detrimento das relações cara a cara, que causa excesso de informação de modo desenfreado, a dependência das redes sociais e resistência à realidade concreta, que muitas vezes é perturbada com as *fakes news*.

Finalizando suas considerações, o autor afirma que o vírus não tem o poder de vencer o capitalismo, não é capaz de fazer revoluções, não gera nenhum sentimento coletivo forte, de algum modo, cada um se preocupa apenas com sua própria sobrevivência, que o distanciamento social não representa solidariedade e que nem permite sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa. O que o vírus fez foi nos isolar e individualizar, e somente uma revolução humana, com pessoas dotadas de razão podem repensar e restringir os mecanismos do capitalismo destrutivo, para assim se salvarem, salvar o clima e o planeta.

Enfim, a quarentena a qual pensávamos que iria realmente durar quarenta dias, estendeu-se para seis meses, um ano, dois anos de grandes restrições, ambiguidades, angústias e ressignificação, medo, bravura, vulnerabilidade e resiliência. Zizek (2020) estava certo, ele alertou que a pandemia não acabaria rapidamente e que a vida não voltaria ao normal, que precisaríamos aceitar que a ameaça veio para ficar. Realmente o vírus não foi exterminado, ele vive entre nós, o salto de esperança foi o início da vacinação contra a Covid-19, a qual foi primordial para a diminuição do número de casos graves e de óbitos da doença.

Somente depois das campanhas de vacinação voltamos a conviver com menos receios, porém o impacto da pandemia foi polifônico e complexo e certamente vamos vivenciar por muitos anos tais implicações. Adiante neste trabalho irei retratar um pouco da experiência da pandemia em minha vida de três modos distintos, o primeiro como estudante do mestrado, o segundo como irmã de um aluno do ensino fundamental I de uma escola pública e por último como professora do ensino básico, também de uma escola pública.

### **3.1 Estudante na pandemia**

Meus objetivos ao entrar no mestrado profissional já foram expostos inicialmente nesse trabalho, sendo que estes me fizeram sair da zona de conforto, me motivando a me aperfeiçoar profissionalmente e até mesmo procurar ajuda, antes de desistir de ser professora da Educação Básica. Já que, apesar de reclamar e criticar muito os diversos âmbitos da escola pública, desde do início da profissão eu procurei entender e melhorar, pois às vezes o erro estava em mim, tudo me fazia acreditar que a incompetência era minha, a indignação pertencia somente a mim, a insatisfação angustiante era somente minha, talvez, realmente o problema era eu.

Lembro de entrar em contato com uma amiga, que trabalhei no PIBID e que é formada em Educação Física atuante no ensino público a alguns anos para conversar e até mesmo pedir ajuda, as mensagens datam de junho de 2019 nas quais relato minha desmotivação e perda de encanto pela escola. Recebi acolhimento dessa amiga, ela contou que a primeira escola que ela trabalhou era muito difícil, pelos alunos desrespeitosos, professores indiferentes a presença dela, já na segunda ela conseguia dialogar mais com os alunos e que eles tinham mais respeito.

Assim como, recebeu acolhimento de outros professores e da direção, mais que realmente nossa profissão não é fácil e muitas vezes na graduação temos uma percepção muito romantizada da Educação Física. Nota-se aqui, que ela consolidou meu pensamento no que diz respeito aos alunos testarem os professores jovens e que um dos, para não dizer o maior problema, também encontrado por ela foi em respeito à interação humana e o diálogo efetivo, desde professor-aluno, professor-professor, professor-direção.

Outros pontos que conversamos foi sobre a comunidade escolar de forma geral, o apoio da direção, a relação dos professores, os demais funcionários e a participação da família, os quais têm grande influência na rotina escolar. Assim como eu, ela também desabafou dizendo que não se sentia preparada para lidar com tantas problemáticas que

envolve o universo escolar, alunos desinteressados, alunos agressivos, casos de abusos, casos de prostituição, de drogas entre outros.

Não é só sobre a participação do aluno no conteúdo programático, pois perpassa apenas a formação, dado que não é possível ficar indiferente a isso. Mas, ela finalizou me acalmando falando que mesmo que alguns alunos sejam cruéis muitas vezes, um caminho é demonstrar a eles os efeitos das atitudes deles, ressaltando uma formação humana e procurar identificar os conteúdos que eles possam se identificar e ter maior interesse, e me respondeu que nunca pensou em fazer outro curso, pois com o Ensino Fundamental I ela se sente motivada e feliz com as crianças.

Em conversa com outra amiga que também trabalhei no PIBID, ela demonstrou dúvidas sobre a escolha profissional, assim como eu já questionei. Ela relatou estar gostando mais de trabalhar em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do que no ensino regular, pelo respeito, pelo número de alunos por sala e infraestrutura. Um outro amigo, sem muitos detalhes disse que a escola era muito complicada e preferiu seguir a área de treinamento físico e curso de arbitragem.

Outra pessoa que entrei em contato, foi um supervisor do PIBID e conversando sobre a falta de perspectiva dos alunos, falta de interesse e educação de alguns alunos, ele afirmou ser um problema generalizado de grande parte das escolas que ele passou. Então, recomendou negociar com os alunos, fazer “-jogo duro, dar uma de louco as vezes, ficar bravo mesmo, com sangue nos olhos”, rebati dizendo que já havia percebido que isso funcionava, mas que isso me desmotivava muito, pois por minha personalidade não sou brava e não gosto de gritar, sendo algo realmente desgastante. Ele respondeu afirmando algo que também já havia percebido, que as crianças estão condicionadas a esse tratamento, que ele também não gosta desse modo, mais que infelizmente “-as vezes precisamos ser atores”, mas que com o tempo de experiência tudo melhorava e a outra dica foi tentar ter uma linguagem mais próxima dos alunos.

Enfim, foi ótimo entrar em contato com todos esses colegas de profissão e perceber que a minha visão da escola, dos alunos, da Educação Física não era individual. Nesse momento pude ver o contraste de pensamento, de quando eu era estudante e de agora enquanto professora atuante. Hoje, consigo entender mais amorosamente quando aconselham professores em formação a escolher outra profissão, pois não temos previsão de melhoras em nenhum sentido, seja no aspecto salarial, de infraestrutura e/ou respeito. Hoje, infelizmente sinto na pele o motivo de toda pressão na perícia médica nas perguntas sobre saúde mental principalmente, pois, como Capel (1987) e SOUZA, (2021) cita, o

adoecimento docente ocorre porque:

(...) o trabalho é realizado em ambientes conflituosos com uma alta carga de exigências de trabalho, dentre as quais se destacam as muitas tarefas extraclasse, reuniões e atividades adicionais. Além disso, são muito comuns problemas com alunos que podem chegar a ameaças e a agressões verbais e físicas. Essa realidade estressante impacta na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores (CAPEL, 1987).

Além disso, Cálido et al. (2021) também cita outros fatores no adoecimento dos professores, como a acúmulo de cargos para ter um salário melhor, a sobrecarga de trabalho devido a uma série de responsabilidades na escola que ultrapassam a formação acadêmica, a desvalorização social do trabalho, a sensação de desgaste, os conflitos nas relações interpessoais, a falta de apoio para lidar com os alunos, pelo intenso envolvimento emocional que o trabalho docente requer, mau comportamento dos alunos etc.

Os quais como consequência provocam o estresse, a depressão, a baixa autoestima, Síndrome de Burnout, angústia, desânimo, problemas da voz, problemas de pressão arterial, evidenciando que o trabalho docente é permeado por situações de risco à saúde física e emocional decorrentes das condições existentes no ambiente escolar (Cálido et al., 2021).

Todos os fatores citados por esses dois autores, foram vivenciados por mim neste curto período de trabalho, porém os que mais me desmotivaram foram as agressões verbais e falta de respeito dos alunos, pois comecei a ter medo dessas agressões passarem a ser físicas e o medo me prejudicava a me impor, me reprimia, como já disse, infelizmente foi preciso impor respeito. Hoje o medo não me paralisa mais, pois tenho a convicção de que se eu dia eu for agredida, até mesmo morta dentro da escola e/ou por algum acontecimento decorrente da escola, será defendendo a educação e respeito à justa causa.

Juntamente à desvalorização dos alunos há a desvalorização social, algo que me afetou muito, gerando desprezo de muitas pessoas na comunidade, as insinuações do professor ser preguiçoso, trabalhar pouco e ganhar muito, até mesmo vagabundo, causam muita indignação. O reconhecimento do trabalho docente é muito sutil e muitas vezes não é quantificado, é preciso ter um olhar atento, principalmente da parte dos alunos, já a direção a aprovação é mais perante a trabalhos exposto ou projetos compartilhados de

modo coletivo, dos pais e comunidade é quase nulo.

Me lembro de um dia ver um aluno conseguir dar o xeque mate com duas jogadas, eu fiquei impressionada com a habilidade dele, já que, quando fui ensinar xadrez tive grande desaprovação de todas as turmas e esse aluno não tinha manifestado que já sabia jogar. Então, eu fui até o aluno perguntar se ele já jogava e porque ele não compartilhou tal conhecimento antes, ele respondeu que não sabia jogar xadrez, mas que depois das aulas ele começou a pesquisar e gostar do xadrez. Eu fiquei imensamente feliz, valeu a pena vencer a resistência dos alunos, dado que eu consegui despertar, ao menos num aluno, o interesse, a curiosidade e a vontade de ampliar seu repertório.

O reconhecimento dos alunos é só dessa forma, pelo envolvimento, pelo sorriso, pelo desempenho, eles não são acostumados a elogiar e validar nosso trabalho, nem mesmo precisam, não é função deles. Entretanto, eu não estava acostumada com essa forma de trabalho, pois nos meus outros empregos de garçoneiro e de balconista em lojas de roupas a gratidão era sempre relatada por palavras e até mesmo por gorjetas, os quais me motivavam ricamente, pois a partir deles eu sabia que está cumprindo com meu dever.

A valorização salarial também mal existe, o plano de carreira e titulação não são aprovados prontamente, demora minimamente três anos para ter algum aumento e os valores são irrisórios. Dessa forma, a motivação para ser um melhor profissional, diante do salário e de todos empecilhos da carreira docente, parte da consciência individual e humana, que não é pouco, a qual eu acredito que deveria ser o combustível de todo trabalhador, é essa ideologia que carrego.

Porém, em um mundo cada vez mais consumista e imediatista na qual o ter é mais importante que o ser, obviamente tal ideologia é abalada, as virtudes e valores estão cada vez mais desacreditadas por uma sociedade voltada para a aquisição de bens e obtenção de lucros. Desse modo, podemos perceber que desempenhar a profissão de professor é ir contra a maré, exigindo esforços e sacrifícios.

Começar o mestrado foi um sopro de esperança que me fez sair da bolha na qual eu estava vivendo com tanta angústia e limitação. Pertencer novamente a universidade, ter novas perspectivas sobre a profissão, interagir com pessoas de idades e profissões diferentes me deu muito ânimo. Todos esses bons sentimentos com o novo é o que eu desejo que meus alunos sintam ao estudar.

Infelizmente com a pandemia, houveram muitas modificações e por isso o estudar que sempre foi um impulsor em minha vida, começou a se tornar um peso diante do novo modo de se viver. Perante ao caos do valor da vida, do contato eminente com a morte as

falas de meu avô me questionando o porquê de estudar tanto. E de falas que diminuía a conquista desse título a apenas mais um que levaria para o caixão, semeou dúvidas sobre o prosseguimento dos estudos, já que meu irmão, agora sem escola precisava de alguma companhia, minha mãe precisava de alguém para ajudar no seu comércio.

Estudar não tinha mais o mesmo gosto, o mesmo prazer, as perspectivas futuras eram as piores, o sentimento que a vida acabaria em qualquer momento me dava vontade de aproveitar cada segundo com minha família o máximo possível, não queria “perder” meu precioso tempo estudando, eu queria ficar com as pessoas que eu amava, fazendo o básico para sobreviver. Porém, não dá para negar, que apesar de ter sido muito diferente de tudo que eu imaginei, nem tão proveitoso como eu queria, o estudo sempre me mostrou que sabemos muito pouco, que sempre há muito a conhecer, admirar, a debater, de modo a nos tornar mais humildes, mais tolerantes, mais instruídos a enfrentar os diversos dilemas de viver. Certamente, sem o mestrado, minhas reflexões sobre o momento atual englobando minha esfera pessoal e profissional seriam mais limitadas e as vezes nem teria o valor de formação e amadurecimento como está sendo.

### **3.2 Irmã de um estudante**

No período de pandemia pude notar o valor da escola na interação e formação humana de forma pessoal através da convivência com meu irmão mais novo. Modéstia parte, meu irmão sempre foi uma criança muito esperta e inteligente, ele consegue montar o cubo mágico 3x3 em menos de um minuto, o cubo *pyraminx*, ensinar xadrez para ele foi extremamente simples, eu criei diversas estratégias em minha cabeça para auxiliá-lo caso ele não entendesse minhas explicações, mas precisou somente de falar uma vez todas as regras do jogo, ele é um leitor ávido e apaixonado pela Turma da Mônica.

Desde o seu ingresso na escola, Pedro se saiu muito bem em termos de aprendizagem, todas as professoras sempre o elogiavam. Somente em termos de interação, igualmente a todos da minha família, que houve uma demora o que acarretou uma dificuldade em se enturmar e se comunicar e participar dos eventos escolares, mas com o passar do tempo ele foi se soltando e criando laços de amizade.

Com o início da pandemia vi meu irmão ficando triste, dizendo que sentia saudades da escola, principalmente do recreio, de correr, de brincar de pique e pega com os amigos, das aulas de Educação Física. Felizmente Pedro já estava alfabetizado antes da pandemia, mas mesmo assim encontramos bastante dificuldades de motivá-lo a continuar os estudos, ele sempre reclamava que estudar em casa não era bom, que ele não

conseguia se concentrar, não tinha ânimo e preferia assistir televisão. Foram muitos altos e baixos, o acompanhamento do Pedro nos estudos foi responsabilidade da minha mãe, depois minha, respeitando sempre a autonomia do Pedro. Até que as energias de todos se esgotaram e nos rendermos a um professor particular, assim Pedro teria uma rotina mais movimentada e sairia da televisão.

O que inicialmente foi para Pedro uma tristeza, ficar sem a escola, com o passar do tempo voltar a escola que começou a ser motivo de preocupação para ele. Meu irmão começou a ser uma criança menos ativa, menos curiosa e bastante ansioso pelas interações, começando até a não querer sair de casa. Foi uma grande tristeza ver meu irmão, tão novo, com tanto potencial passar dois anos na frente da televisão.

Ao voltar às aulas foi incrível ver a mudança de expressão e entusiasmo em meu irmão, ele chegava da escola cansado mais cheio de novidades para contar, ele voltou a ser tagarelo, curioso, divertido e contador de piadas, a ansiedade agora era direcionada o que poderia acontecer na próxima aula. Além do mais, Pedro voltou a ter costumes básicos de uma rotina sem precisar ficar lembrando, como pentear o cabelo, escovar os dentes, ele passou a se alimentar melhor e tudo mais.

Moita (2013) corrobora que “ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações” (MOITA, 2013, p.115). Com isso, podemos concluir que a escola perpassa a concepção de mera instituição de ensinamentos acadêmicos, dado que ela proporciona interação, sociabilidade, desenvolvimento socioemocional, cultural. Além de auxiliar os pais e as crianças numa rotina mais estruturada.

### **3.3 Professora na pandemia**

Desde a mais tenra idade, assuntos referentes ao mundo do trabalho sempre foram muito valorizados e discutidos em minha família. Minha vó sempre se alegrava em falar que conseguiu criar todos os seus sete filhos com o suor de seu trabalho. Mesmo antes de começar a me relacionar e namorar outras pessoas, minha vó me instruí a aproximar-me e namorar um homem trabalhador e honesto. De igual modo, minha mãe sempre compartilhou deste mesmo ideário. O trabalho era parâmetro e medida para refletir e mensurar a índole de alguém dentro do meu contexto familiar. Além disso, o trabalho era meio de fortalecimento e reforço da dignidade para meus entes queridos.

Lembro que quando eu tinha por volta de treze a quatorze anos, solicitei à minha mãe que me levasse ao psicólogo, pois não me sentia bem, mal conseguia me expressar e

este fato me assustava imensamente, logo desejava compreender o que estava acontecendo comigo. E prontamente minha mãe me respondeu com uma negativa e complementou com o argumento de que eu precisava trabalhar. Ainda acrescentou, que se ela achasse que eu precisasse ir ao psicólogo ela mesma me levaria, mas como não era o caso, o que eu tinha que fazer era trabalhar.

Então já no Ensino Médio, houve um dia que não queria ir à escola pois estava entristecida e com vontade de chorar por uma desilusão amorosa. À vista disso, minha mãe concordou que eu me ausentasse, todavia ela impôs que eu não ficasse em casa chorando e assim sendo, que eu fosse com ela trabalhar e otimizar meu tempo. Diante disso, o trabalho, o anseio por uma profissão esteve atrelado em meu cotidiano desde sempre. Logo, ter uma profissão e ser uma boa profissional tornou-se um desejo pessoal arraigado em mim, conjecturando-se como uma forma de honra e orgulho para mim e para minha família.

Por esse motivo, a cobrança exacerbada comigo mesma em ser uma excelente profissional e, por conseguinte, ter um bom trabalho. Haja vista, que desde a infância cresci e me desenvolvi num espaço pautado e permeado por relações de poder e da legitimação do labor. Tais aspectos, se desdobraram para as partes mais profundas e íntimas do meu ser, que sempre sofreu com esta dinâmica e circunstâncias. Ser professora, de um sonho, passou num curto intervalo de tempo a ser um pesadelo devido a algumas frustrações e dificuldades.

Ser professora na pandemia me trouxe muitos aprendizados, entretanto inicialmente foi desesperador ter que criar aulas em forma de apostila e remotamente. Por isso, muitos questionamentos emergiram como: iria somente trabalhar a teoria? Como fazer o estudo da teoria não ser maçante? E a prática, não teria? Seria possível criar algo? Os valores seriam expressos como?

Diante de tantas dúvidas, criar as atividades para meus alunos em novo formato foi desgastante, passei horas e horas pensando, pesquisando e elaborando. Até que, o estado de Minas Gerais criou o Plano de Estudo Tutorado (PET), com ele nós professores não precisávamos mais fazer nenhum trabalho epistemológico, isto posto, cabe destacar que haviam poucas vias de intervenção pedagógica, trabalho didático e interação efetiva professor e aluno durante o processo de ensino e aprendizagem.

Com isso, perdemos a nossa autonomia e autoria docente e acabamos entrando na automatização, na qual nosso trabalho se resumia em postar as atividades, esperar os alunos resolverem e corrigir. Ministras aulas online era opcional, eu escolhi aderir, assim

corrigia as atividades com os alunos no formato remoto por meio de aulas online. Uma tentativa de manter o contato com os educandos, sanar dúvidas e dentro do possível, averiguar as experiências que eles tinham ou não tinham com certo conteúdo. Dado o contexto, compartilhava mais imagens, vídeos com materiais extras almejando ampliar as experiências formativas de meus alunos.

Nesse momento, mais especificamente de ensino apostilado tornou-se impossível negar que foi muito mais fácil, porque os problemas que tinha com relação a falta de educação de alguns alunos acabaram, já que poucos educandos entravam na sala de aula online e então eu não precisava mais ficar brava, não precisava aumentar a minha voz, com isso não adoeci e nem tive dores na garganta. Houveram outros benefícios também, como não precisar me expor no sol, não precisar enxaguar a “quadra”, como também não precisei levantar mais cedo e enfrentar o percurso para a escola.

Por tudo exposto é nítido que o formato remoto me economizou dinheiro e tempo, o que me proporcionou horas a mais de sono. Quando começou a pandemia eu fui para a casa dos meus pais, com isso passei muito mais tempo com meus familiares e dividia a rotina cotidiana com eles, de igual forma, tinham muitos benefícios que facilitavam a vida diária como o almoço, o fato de ter comida feita na hora o que não acontece nas aulas presenciais, pois levo marmita.

Apesar da pandemia ter trazido raros benefícios acima citados, percebi a relevância do contato humano e até mesmo a importância dos conflitos, dado que podemos aprender muito através deles, das discussões e reflexões porque fazem parte da escola e da interação humana como um todo. O ensino remoto emergencial foi muito pobre em diversos eixos, eu não me sentia uma boa profissional, muitas vezes pensei que qualquer pessoa poderia fazer meu trabalho, pois se limitava a postar e corrigir as atividades.

E nesse formato de ensino, pude ver ainda mais claramente a desvalorização da Educação Física por alguns alunos e também por alguns pais que apoiavam seus filhos a não fazerem as atividades de Educação Física, afirmando que elas não eram importantes, ressaltando assim a hierarquia dos saberes. Fato que desvela uma das tantas consequências da pandemia, que foi o desprezo a atividades relacionadas à corporeidade, o corpo foi excluído e subjugado em detrimento da mente.

No retorno às aulas presencialmente, tornou-se perceptível a falta de condicionamento, sociabilidade, expressão e coordenação dos alunos, nitidamente havia uma dificuldade notória entre os alunos de conviver em coletividade e igualmente tornou-

se muito difícil que esses estudantes lidassem com as frustrações diárias. Alguns autores do Sopa de Wuhan estavam certos, a pandemia nos deixou sensíveis, mais individualista e agressivos do que solidários. Neste cenário, tornou-se impossível contemplar algumas manifestações da cultura corporal de movimento nas minhas aulas, porque precisei parar de trabalhar com alguns esportes pela grande competitividade e agressividade dos alunos na situação de jogo. Foi necessário retroceder, para poder potencializar o aprendizado dos educandos.

#### **4. A ESCOLA: TIME RESERVA?!**

A escola em minha vida pessoal, como já referida, sempre foi vista com tanto zelo que realmente não tenho lembranças negativas ou questionamentos com relação à instituição. Por isso, a surpresa por tanta desaprovação e desprezo pela escola por parte de meus alunos. Com isso, com tanta recorrência de discursos depreciativos acerca da escola, acrescidos de meu cansaço, de um sentimento de desvalorização suscitaram-me questionamentos e dúvidas, como: Será que a escola realmente não é importante? Dá para viver sem a escola? Qual o papel da escola? Para que a escola serve? Onde foi parar todo o meu amor pela escola?

O ambiente ao qual sempre tive admiração passou a ser fonte de insônia e ansiedade, o dia anterior ao trabalho só continha inquietação e medo, medo de todas as possíveis e impossíveis situações que poderiam passar no cerne de sala de aula. Dentre alguns dos meus medos, o medo de chorar era um dos maiores, principalmente depois de perceber a inclinação dos alunos em respeitar pessoas mais bravas e autoritárias, chorar seria meu fim, seria a afirmação que eu não tinha capacidade para ser professora.

Nesse grande conflito surgiu-me até mesmo uma certa aversão à escola pública, logo eu que estudei a vida toda em instituições públicas, que sempre defendi estas instituições. Ilusoriamente comecei a acreditar que escolas privadas eram perfeitas, mas como em todos ramos, dificuldades e desafios sempre existem dentro da realidade de cada um. Relembrando, percebo que tais pensamentos não eram só meus, não saíram somente de mim, pois em diversas conversas que tinha, com diferentes tipos de pessoas, muitas delas sempre me aconselhavam ou me questionavam da possibilidade de dar aula em escolas particulares e a justificativa se dava em torno do aspecto de que os alunos eram mais educados e gentis.

Apesar de tais pensamentos terem perpassado por mim, a gratidão e amor pela escola pública, logo por tudo que vivi e presenciei nela, prevaleceu apesar de abalado por um período. Por esse motivo, dentre os temas da pesquisa foi citado o desejo de estudar a escola, principalmente a pública. Em acolhimento de muitas das minhas angústias foi indicado pelo meu orientador a leitura do livro de Masschelein e Simons (2017).

O livro intitulado é “Em defesa da escola: uma questão pública”, ele tem o foco na experiência, no que é público e comum, a qual faz a escola ser um lugar potente para pensar o mundo. Com isso, o livro não se propõe a discursos de reformas, mais na sua

potenciação do que há de bom primeiramente, fazendo-nos repensar sobre verdades pré-concebidas que a escola é obsoleta.

As acusações à escola vão desde ser possuidora de temas artificiais, ausência do mundo real e necessidades do mercado de trabalho, há alienação por muitas formas lúdicas e entretenimento, mostrando falta de eficiência e desempenho. Além da discussão sobre a aprendizagem na era digital, vista como positiva por não precisar de um espaço físico, lugar e momento certo para os estudos, e ter o diferencial de permitir direcionar a aprendizagem ao aluno de forma individual e personalizada.

Porém, Masschelein e Simons (2017) inicia explicando o termo *Skholé*, em grego, que é designada como tempo livre, e a escola era a espacialização para esse tempo comum, a qual era uma fonte de conhecimento e experiência disponibilizada como um “bem comum”. O tempo livre referido tinha como intuito ser o tempo de se exercitar e de estudar, como um trabalho que permite a experiência de “ser capaz”, ser livre – não o livre arbitro de fazer o que se quer, sem instrução ou direcionamento- mais ter certa liberdade de ser capaz de começar algo, independente da condição social, cultural, racial, indicando assim uma experiência de igualdade.

Tal experiência de igualdade se dá através da possibilidade e do direito ao tempo de se exercitar, estudar e ter acesso aos “bens comuns”, logo, esse tempo pode ser de renovação, em nível individual, mas também em nível social, já que há a interrupção no tempo linear dos estudantes, na qual as forças do passado e as forças do contexto não definem ou predeterminam o futuro. Pois, tempo livre não é tempo de maturação ou de desenvolvimento natural, também não é tempo de produção, medido pela produtividade ou resultados alcançados.

Portanto, a escola tem “o potencial para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo” (MASSCHELEIN; SIMONS 2017, p.10). Entretanto, como os autores retratam ao longo do livro, a escola ainda não desapareceu por esforços em utilizá-la em finalidades outras, diferente da sua inicial, de modo a domá-la, por isso “talvez não devêssemos ler a história da escola como uma história de reformas e inovações, de progresso e modernização, mas como uma história de repressão; uma série de estratégias e táticas para dispersá-la, reprimi-la, coagi-la, neutraliza-la ou controlá-la” (MASSCHELEIN; SIMONS 2017, p.106).

Dentre as tentativas de dominação da escola expostos por Masschelein e Simons (2017), são essas resumidas por Favere (2016):

(...) estas tentativas podem ser sistematizadas em seis pontos: (1) a politização da escola, na qual ela é incumbida de responsabilidades políticas (concernentes à sociedade) que não podem ser cumpridas senão com o abandono de certa responsabilidade educacional; assim, se a política está na escola não é senão como matéria de estudo, ou como aquilo que não pertence ao escolar. (2) A pedagogização, cujo efeito é imputar à escola funções que concernem à família; não que à escola não caibam questões pedagógicas, mas isso se faz de modo que se suspenda temporariamente o familiar. (3) A naturalização, por sua vez, são as tentativas de fazer da escola um meio para produzir uma elite social, reproduzindo nela determinações “naturais” – da ordem das necessidades das coisas –, como, por exemplo, se faz por meio dos talentos e aptidões físicas e intelectuais. (4) A tecnologização, a despeito das tecnologias, trata-se da tentativa de domar a escola por meio da transferência da tônica escolar à própria técnica, a tecnologias; ainda que composta de tecnologias que não fazem parte do escolar. (5) A psicologização, outra estratégia de condicionamento de professores e alunos, trata-se, em suma, de suprir o ensino por uma forma de orientação psicológica, impingindo ao professor funções que não lhe dizem respeito e reduzindo o aluno ao espectro motivacional. (6) A popularização, por fim, implica uma manutenção do aluno numa infantilidade por meio do entretenimento e relaxamento, assim, a escola e o professor sujeitam-se à tarefa de aliviar as tensões e tédios do mundo do aluno (FAVERE et al, 2016, p.250).

Infelizmente, no contexto da pandemia mundial conjuntamente com Ensino Remoto Emergencial, a escola está sendo ameaçada por outro concorrente, o *homescholling*. *Homeschooling* é uma palavra de língua inglesa, o termo significa educação escolar em casa, nessa modalidade, ao invés das crianças e os adolescentes frequentarem a escola tradicional, eles são educados em casa, geralmente pelos seus pais. Dentre as possíveis implicações dessa tendência de ensino, está a privatização da educação, consequentemente o ensino do componente curricular Educação Física, tema em debate no próximo tópico.

#### **4.1 A Educação Física**

O componente curricular Educação Física contempla a cultura corporal de movimento manifestada na forma de jogos, esporte, lutas, danças, atividades de aventuras e outras práticas culturais, por isso tem como responsabilidade desenvolver o acervo cultural dos educandos, a fim de formar sujeitos autônomos e críticos aptos a agir integralmente no cotidiano social enquanto cidadãos.

Porém, nem sempre foi assim, sua identidade flutuou ao longo da história, servindo a diferentes objetivos que se encontravam associados aos processos de modificações sócio-históricas como: aculturação do corpo e espírito; higienismo imbricado na área médica; métodos ginásticos para aperfeiçoamento da raça; e formação de uma nação forte e disciplinada, influenciada diretamente pelo militarismo, entre outros momentos que deixaram marcas na compreensão da área. De forma a contextualizar tais aspectos e enriquecer nosso estudo, descreveremos sucintamente tais períodos de agora em diante.

A aculturação do corpo e espírito data-se em 1823, com a elaboração do Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos, por Joaquim Antônio Serpa, que evidenciava os conteúdos da educação, a qual deveria englobar a saúde do corpo e do espírito através de exercícios físicos, de modo que a educação moral era coadjuvante da Educação Física Escolar e vice-versa (GUTIERREZ, 1985). Acredita-se que a elaboração do tratado foi influenciada por pensadores europeus, como Francis Bacon e Jean-Jacques Rousseau, na linha do pensamento epistemológico que afirmava que a prática de exercícios físicos poderia corrigir qualquer tendência ao mal, praticada de forma natural e paralelamente a educação intelectual (GONDRA, 2003).

Já as perspectivas higienistas foram adotadas na Educação Física até em torno de 1930 no Brasil, por influência das Ciências da Saúde, a qual indicou a higiene como o mais belo florão da coroa da medicina, a arte de conservar a saúde e prolongar a vida. Entretanto, essa preocupação com uma sociedade saudável desvenda a relação entre os preceitos higienistas e o mundo do trabalho, a qual invade a rotina das instituições escolares, com a intenção de direcionar a aplicação de seus pressupostos para diversas profissões (GONDRA, 2003).

Os métodos ginásticos oriundos das escolas sueca, alemã e francesa, coincidiram à Educação Física uma perspectiva eugênica, uma perspectiva higienista que já se fazia presente na área como destacado nesta investigação e, também a perspectiva militarista, que com o passar dos anos se fortaleceu dentro do campo da Educação Física Escolar. As atividades dos métodos ginásticos deveriam assegurar a conquista e continuidade da higiene física e moral (Higienismo) e instruir os indivíduos fisicamente para o combate militar - Militarismo (RAMOS, 1985).

Tais perspectivas militaristas (1930-1945), retratavam o momento social e político brasileiro, isto posto, durante a Era Vargas o governo de cunho conservador e patriota, refletiu seus princípios de Segurança Nacional no ensino da Educação Física com a

priorização do desenvolvimento corporal dentro dos padrões atlético e forte, como preparação caso ocorresse um possível conflito bélico mundial. O cenário educacional desta forma se aproximava muito dos processos militares do quartel, de treinamento em benefício do adestramento dos corpos, intensificando-se ainda mais ações excludentes (exclusão dos considerados fracos), devido à seleção daqueles considerados melhores e mais aptos a futuros soldados. Outra intenção de uma Educação Física com identidade cívica e moral, era associada a assegurar o processo de industrialização implantado no país com uma mão de obra capacitada para força de trabalho (CASTELLANI FILHO,1988)

Após o movimento militar, a Educação Física passou a servir a propósitos esportivistas, também conhecida como tecnicista, em decorrência da ditadura militar acompanhada pelos Jogos Olímpicos modernos, a qual a prática de esportes tornou-se mais evidente na sociedade (RAMOS, 1985). Novamente, as aulas de Educação Física tinham o intuito voltado para a performance, resistência, desempenho e velocidade, porém, a intenção agora era a busca de um sustentáculo ideológico, pois a partir do êxito em competições esportivas de alto nível, eliminava-se as críticas internas e deixava transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento no país. Desse modo, nesse período o governo investia muito no esporte (CASTELLANI FILHO,1988).

Felizmente, na década de 1980 surgiram severas críticas à predominância que o esporte havia obtido no âmago da Educação Física, reduzindo assim os conteúdos da cultura corporal de movimento à prática das manifestações esportivas somente. A vista disso, o esporte servindo como um fim e não como um meio. Isto posto, importantes discussões culminaram na reforma educacional iniciada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96 (BRASIL, 1996). Assim, a resistência à concepção biológica da Educação Física alcançou resultados e diversas concepções, modelos, tendências e abordagens pedagógicas surgiram com intuito de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional (que outrora foi embutido nos esportes).

Desse modo, a preocupação eminente com a formação do escolar instrumentalizou o conteúdo da Educação Física Escolar como forma de desenvolver não só capacidades e habilidades físicas, como também cognitivas e comportamentais. A disciplina passou a ser regulamentada e assegurada pelas Diretrizes Curriculares, e o contexto social e cultural nos quais os alunos estão inseridos, são pontos a serem levados em consideração, pois impactam diretamente suas aprendizagens. Por esse motivo, as propostas curriculares para a abordagem dos conteúdos na Educação Física, devem considerar a diversidade

cultural e social, acolhendo assim a pluralidade de sujeitos e seus saberes (BRASIL, 1997).

Para tanto, propõem-se que o conteúdo do ensino da Educação Física perpassasse três dimensões pedagógicas - a dimensão conceitual, a procedimental e a atitudinal. A dimensão conceitual é aquela que se relaciona com o saber histórico, cultura, regras dentro outros conhecimentos. A dimensão procedimental refere-se ao saber fazer, a prática, ou seja, a vivência. Enquanto a dimensão atitudinal está ligada ao como se deve ser, a valorização de uma postura respeitosa, participativa (DARIDO, 2012).

Ao serem inseridos nos ambientes virtuais, é possível que os professores encontrem diversos obstáculos, pois a desvalorização das aulas de Educação Física ocasiona um entendimento limitado de serem apenas “atividades recreativas” ou simples “brincadeiras”, isto é, debilitando a condição de disciplina formativa colocando-a como inferior em relação às demais disciplinas da escola (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011). Outro imbróglio trata-se da designação pejorativa que alguns professores recebem, como por exemplo: “professor rola-bola”, o que contribui ainda mais para a deposição do grau de profissionalismo daqueles que ainda não dispõem de uma prática pedagógica comprometida com a formação de seus educandos.

E, partindo das observações das redes sociais, do cotidiano do trabalho, da comunidade de forma geral e levando em consideração a mudança tão rápida e emergencial, quase obrigatória da forma de ensino virtual, acreditamos que no primeiro momento, o isolamento social tenha afetado de forma negativa o corpo docente e seu desenvolvimento no trabalho. Pois, diante da ausência da presença física, da afinidade com as tecnologias digitais e/ou até mesmo da falta dos aparelhos eletrônicos, o Ensino Básico em comparação ao Ensino Superior foi o mais prejudicado de acordo com De Mello, Novaes e Telles (2020).

Coadunando com o exposto, Betti e Zuliani (2002, p.75) alertam que “a Educação Física propicia um certo tipo de conhecimento aos alunos, mas não é um conhecimento que se possa ser incorporado dissociado de uma vivência concreta, é muito importante ter a valorização e equilíbrio das dimensões conjuntamente”. Logo, a “Educação Física carece essencialmente de uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se, pois a dimensão cognitiva far-se-á sempre sobre esse substrato corporal” (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75). Exposto tudo isso, iniciar-se-á doravante a discussão sobre as tecnologias de informação e comunicação, a fim de avançarmos nas discussões contidas neste trabalho.

## 4.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação

Antes de discorrer sobre o termo Tecnologia Digital, primeiramente vamos esclarecer aspectos em relação ao termo tecnologia. A tecnologia é tudo o que se produz com a engenhosidade do cérebro humano, muito além de somente máquinas, mas também a linguagem, a escrita, os números, os pensamentos pois todos são considerados tecnologia. O termo tecnologia remete-nos à evolução, progresso e comodidade, na qual primeiramente era uma tecnologia rudimentar, necessária para a realização de tarefas essenciais para a sobrevivência do ser humano. Já hoje, o avanço tecnológico está de forma progressiva influenciando a vida das pessoas, transformando o homem e sua cultura (ARAÚJO, et al., 2017).

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são as tecnologias que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos das pessoas, como por exemplo o rádio, o jornal e a TV. Dentro desse panorama, estão as Tecnologias Digitais que são aparelhos que lidam com a distribuição da informação de forma cada vez mais veloz, abrangendo um número crescente de pessoas que funcionam através da decodificação de códigos numéricos.

Antes do cenário pandêmico de Covid-19, a tecnologia digital estava presente timidamente na educação, ou seja, na utilização de laboratórios de informática, de projetores multimídia, lousas digitais, de maneira esporádica. Já nas aulas de Educação Física raramente era utilizada a tecnologia digital e, quando utilizada era em suma sem objetivo claro ou descontextualizado, de modo a reduzir seu potencial interativo e inovador. Araújo (2017) afirma que utilizar as tecnologias como ferramentas pedagógicas pode potencializar os processos de ensino-aprendizagem, de maneira a auxiliar o aluno no processo de construção do conhecimento, contudo a capacitação e inclusão digital do profissional da educação são relevantes e essenciais, porque o professor é a figura importante e indispensável no processo da mediação do saber.

Nesse contexto pandêmico, os avanços e a forçada utilização das tecnologias digitais, tentaram romper com alguns aspectos do ensino tradicional, como as convicções sobre a compreensão do professor como detentor do conhecimento, atuando em um viés disciplinar e conteudista no qual os alunos limitam-se a apenas ouvintes e assimiladores dos conhecimentos. O desejo era compartilhar da concepção de Moran (2017), na qual o aluno deve se tornar também parte do processo de construção do conhecimento, protagonista do seu próprio aprendizado.

Porém, o que vivenciamos foi um ensino mais conteudista e apostilado do que a forma tradicional de ensino, conjuntamente com alunos desmotivados e desinteressados, desenvolvendo ansiedade por excessiva exposição a telas. A tecnologia não é inimiga da educação, mas a mediação do professor é essencial.

Dentre as tecnologias que podem ser utilizadas nas aulas de Educação Física, de forma complementar, destacam-se segundo Dutra (2020), as ferramentas Canva, Kahoot e Google Forms, porque se mostraram benéficas para o aumento da motivação e envolvimento dos estudantes nas atividades. De maneira a ampliar as margens de entendimento em relação a essas ferramentas, as mesmas serão melhor explicitadas doravante.

O Canva é uma plataforma digital-online gratuita, servindo tanto para mediar o processo de ensino-aprendizagem do estudante quanto gerar um produto passível de utilização como material didático. Ele usa um formato de arrastar e soltar, como também fornece acesso a mais de um milhão de fotografias, gráficos e fontes. A plataforma tem como objetivo principal, ser uma ferramenta colaborativa ideal para criação de material de design e edição de imagens, pode ser usado também para produzir cartões comemorativos, convites, cartazes de apresentação, criar pôsteres, apresentações em slides, além de disponibilizar a criação de identidade visual para projetos, produtos, trabalhos pedagógicos. Além disso, o usuário conta também com duas opções: começar um trabalho do zero ou criá-lo a partir de um *template* já disponível na plataforma, sendo possível realizar trabalhos em equipe com até dez amigos, facilitando a vida dos alunos que precisam trabalhar em grupos em pleno ensino remoto. O Canva é gratuito, porém, para maiores opções de *templates* e imagens do banco de dados, é necessário pagar pela utilização (ARCHANJO; SANTOS, 2020).

O Kahoot é outra plataforma digital, que permite que sua utilização crítica torne as aulas mais dinâmicas e interativas, favorecendo a avaliação dos conhecimentos em tempo real. É uma ferramenta gratuita e com várias possibilidades de tornar as aulas *gamificadas*, uma vez que o aplicativo possui características de um jogo digital, com regras e atribuições de pontuação para os alunos que responderem as perguntas de forma correta e rápida. O aplicativo permite a criação de um questionário com perguntas e respostas no formato de múltipla escolha ou verdadeiro ou falso. O questionário pode ser respondido pelos participantes através de um computador ou celular que possuam internet. As respostas corretas somam pontos e no fim do jogo, os três jogadores com maior pontuação são divulgados na tela (JUNIOR, 2017).

O Google Forms também é um serviço gratuito, porém para criação de formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. A ferramenta pode ser utilizada para solicitar feedback de aulas, conteúdos e também avaliações. Os formulários podem ser disponibilizados por meio de um link, aos alunos para que eles possam responder, e as respostas são armazenadas em uma planilha e, no caso de respostas de múltipla escolha, gráficos são gerados para sintetizar os resultados, possibilitando otimização da tabulação de dados, eliminando a contagem manual e reduzindo o tempo gasto para contabilização dos resultados. Nesse contexto, pode-se perceber a potencialidade na elaboração de atividades e/ou avaliações online por meio de formulários eletrônicos, tanto para os professores como para os alunos que terão o feedback em tempo hábil (PÁDUA; SOUSA, 2016)

Outros materiais para as aulas podem ser encontrados no site Impulsiona, que é uma organização social do Instituto Península, na qual estimula-se o uso do esporte como ferramenta educacional no desenvolvimento integral dos alunos. O site proporciona materiais que incentivam a prática de novas modalidades, como também incentiva o trabalho das competências socioemocionais e o fortalecimento da cultura esportiva na comunidade escolar através de cursos e conteúdos gratuitos (DE MELLO; NOVAES; TELLES, 2020). Outros recursos que também podem ser utilizados nas aulas são os aplicativos de jogos eletrônicos, assim como sites de jogos online educativos. De Oliveira, Medeiros e Schimiguel (2012) pontuam que a utilização de jogos eletrônicos é uma boa alternativa para atrair o interesse do aluno, tornando o conteúdo apresentado mais interativo e desafiador, uma forma de unir diversão com aprendizado.

Por tudo isso exposto, Torres (2016, p.208) afirma que:

Não há dúvidas da importância das TICs em razão do fato de elas estarem presentes no cotidiano da nossa sociedade; porém é preciso haver mudanças, entre elas, a formação de professores. Além disso, é importante que o aluno aprenda a captar as informações implícitas e explícitas nas TICs, pense, reflita, crie, signifique, ressignifique e transforme os conhecimentos dele acerca da cultura corporal em qualquer dimensão (conceitual, procedimental ou atitudinal), sem perder a característica do fazer.

Desta maneira, as escolas juntamente com o governo e as políticas públicas, devem possibilitar aos estudantes condições para que desenvolvam a capacidade de utilização das tecnologias, pois mesmo sendo considerados nativos digitais, muitos nem possuem acesso aos meios tecnológicos. De modo, a promover a utilização das

Tecnologias Digitais como mais um recurso para a sua formação, isto é, para se tornarem indivíduos mais críticos, autônomos e produtores de informação. Sendo assim, não se limitando pelo menos em tese, a apenas consumidores passivos de informação.

Podemos destacar que um dos legados da pandemia da Covid-19 é a utilização e promoção das TICs (RIBEIRO, 2021). Assim sendo, ao longo do primeiro ano de pandemia ocorreram muitos cursos de capacitação aos professores, o que foi algo positivo para a melhoria do ensino nesse formato e também devido a rápida propagação das tecnologias de informação e comunicação na contemporaneidade. Porém, existe uma carência ainda em relação a um movimento de efetivação de políticas públicas em favor do acesso dos estudantes às ferramentas e a conexão, essenciais para o desenvolvimento pedagógico no formato de ensino remoto. Na sequência, temos as considerações finais desta investigação.

## 5. XEQUE-MATE

Longe de ser o fim como um xeque-mate em uma partida xadrez, nesse último essa expressão representa neste capítulo, uma vitória tanto profissional quanto pessoal. Pois mesmo com tantas dificuldades, adversidades, angústias e imbróglios, consegui concluir esta etapa formativa. Por meio desse percurso formativo, pude me tornar uma professora de Educação Física melhor e mais apta. Logo, cabe evidenciar que Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica, como elucidado ao longo do estudo, está ancorada em diversas práticas corporais.

Sobretudo, Darido (2012) comenta que ao longo de sua história, a disciplina priorizou os conteúdos em uma dimensão quase que exclusivamente procedimental, em outras palavras, o saber fazer. Ocorrendo então a desvalorização das outras duas dimensões do conteúdo, a dimensão conceitual que se refere ao saber sobre a cultura corporal de movimento e, também da dimensão atitudinal, que se relaciona com o que se deve ser.

No momento do Ensino Remoto mediado pelas TICs, ocorreu a priorização da dimensão conceitual, exemplo são os PETs contento somente teoria, em detrimento das outras. Em um certo grau, foi positivo para a reflexão e ampliação das margens de entendimento dos alunos e professores, sobre todo o aporte teórico que contempla o referido componente curricular. Por isto, favoreceu o desvelamento acerca da complexidade epistemológica da área, de maneira a demonstrar pelo menos teoricamente, que ela é mais do que o fazer por fazer, uma diversão ou distração, perpassando o movimento físico e adentrando a esfera da cultura e seus saberes.

Porém, mesmo acreditando que a Educação Física virtual possa ter ajudado os alunos a ampliar suas concepções sobre o componente curricular, isto é, não se limita somente a uma disciplina de lazer e diversão. A Educação Física não pode ser transformada em apenas discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade.

Com isso, esta pesquisa dentro dos limites que a cerceiam apontou pequenos avanços e retrocessos para a área da Educação Física durante o isolamento social, decorrente da pandemia de Covid-19 e possibilitou uma maior compreensão de algumas problemáticas imbricadas e de igual modo, desvelou possíveis soluções relatadas por estudiosos da área para favorecer o desenvolvimento das aulas nos ambientes virtuais. Diante disso, apoiamos uma Educação Física de qualidade, desde a reivindicação de

espaços adequados e equipamentos para o trabalho docente e, da mesma forma uma maior valorização e reconhecimento de todos envolvidos no processo educacional. Por fim, esperamos que a Educação Física como área de conhecimento, perpassasse o contexto atual e se construa e se reconstrua de forma a oportunizar a reflexão crítica sobre suas práticas pedagógicas e se fortaleça como área de conhecimento. De igual modo, esperamos a valorização do espaço escolar, espaço esse, que tanto fez falta nesses tempos de pandemia, para alguns alunos, pais e professores.

Portanto, tornou-se evidente por tudo elucidado que afetos foram produzidos por esta jornada narrativa, que pautou-se na formação humana, um processo incômodo, porém necessário, de alargamento do mundo como mutável, imprevisível e caótico. Percebi que, enquanto lutava para reparar o outro em algo que me convinha, perdia muito tempo e energia educativa em algo inútil. Afinal, como formadora, me sinto mais (con)formada a perceber a angústia de não ter o controle de todos os passos que levam à formação do outro, estes não estão em minhas mãos, ainda bem!

Passada esta etapa de tentativas de moldar o meu semelhante, posso seguir mais tranquila. Como professora, fico impressionada com o que uma jornada narrativa foi capaz de fazer por esta formadora, pareço outra agora. E, apesar de me sentir aliviada, confesso que a angústia ainda está ali, entretanto encontro-me mais determinada a continuar a compreender as contradições da vida e tratar de viver com elas. Certa vez, ouvi que não podemos sofrer pela vida que não escolhemos viver, mas que o sofrimento certamente estaria nos esperando na vida que escolhemos. Assim sendo, como pesquisadora, o que posso dizer? Com toda certeza, uma jornada extenuante de inúmeras escolhas.

De fase em fase, as pessoas se transformam, desde cedo então percebi que maturidade profissional não se cria de maneira inata, é necessário experiência prática, não basta somente estudar é impreterível contar com a ajuda de outros e acredito que o professor não deve se deslumbrar com qualquer novidade, dado que mesmo para valorizar as novidades precisamos de criticidade para saber como aquilo se relaciona com a cultura corporal de movimento e quais as contribuições reais para a aprendizagem dos nossos alunos, sendo estes os reais protagonistas das nossas ações docentes, seja em âmbito de Ensino Remoto ou presencialmente nas quadras das escolas.

## REFERÊNCIAS

ABRAFI. **CNE aprova parecer com diretrizes para reorganização dos calendários escolares e realização de atividades não presenciais pós retorno.** Publicado em Brasília - DF, 28 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.abrafi.org.br/index.php/site/noticiasnovo/ver/3214>. Acesso em: 23 julho 2020.

AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.* Ciudad: ASPO, 2020.

ALMEIDA, Beatriz Oliveira; ALVES, Lynn Rosalina Gama. **Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual.** Debates em Educação. Maceió 2020.

ARAUJO, Sérgio Paulino; Et al. **Tecnologia na educação: contexto histórico, papel e diversidade.** IV Jornada de Didática III Seminário de Pesquisa do CEMAD, v. 31, 2017.

ARCHANJO, Rafaela Luiz da Silva; SANTOS, Rafael Teixeira dos. **CANVA.** Simpósio, [S.l.], n. 8, mar. 2020. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simpósio/article/view/2115>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, 2002

BOLÍVAR, Antonio. O esforço reflexivo de fazer da vida uma história. **Pátio**, Porto Alegre, n. 43, p. 12-15, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física.** MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases: Lei 9.394/96 e Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BRIÃO, Gabriela F. **Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação.** 2017a. 321 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

BRIÃO, Gabriela F. A pesquisa narrativa autobiográfica de uma professora de matemática: aproximações com a insubordinação criativa. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática (REnCiMa)**, São Paulo, v. 8, p. 31-49, 2017.

BRIÃO, Gabriela Felix. Possibilidades de autoformação docente em uma jornada narrativa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, Salvador, v. 4, n. 10, p. 80-92, jan./abr. 2019.

CÁLIDO, Carolina Moreira; LEMOS, Maria Luiza Polidório Pedro; REBOLO, Flavinês. A SAÚDE DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Magistro**, v. 1, n. 23, 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. CCJ aprova projeto que permite homeschooling. Fonte: **Agência Câmara de Notícias**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/771015-CCJ-APROVA-PROJETO-QUE-PERMITE-HOMESCHOOLING>>. Acesso em: 19 abril. 2022.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, São Paulo, 1988.

DARIDO, Suraya Cristina **Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados**. Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 51-75, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Histórias de vida. **Da invenção de si ao projeto de formação**. Trad. Albino Pozzer, Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2014.

DE MELLO, João Gabriel; NOVAES, Renato Cavalcanti; TELLES, Silvio de Cassio Costa. Educação Física Escolar a Distância: Análise de Propostas para o Ensino Remoto. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, 2020.

DE OLIVEIRA MEDEIROS, Maxwell; SCHIMIGUEL, Juliano. Uma abordagem para avaliação de jogos educativos: ênfase no ensino fundamental. **RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 10, n. 3, 2012.

DUTRA, Gustavo Rocha. **Hoje a aula não é na quadra: as Tecnologias Digitais na Educação Física Escolar**. Dissertação de Mestrado - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Faculdade de Educação Física. Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

FAVERE, Juliana de; AUGSBURGER; Luiz Guilherme; RIBEIRO, Danilo Stank; PREVE, Ana Maria Hoepers. Resenha do livro “Em defesa da escola: uma questão pública”. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 246 – 252, set./dez. 2016.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André da. Ensaio sobre o "novo" em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 33, n. 1, p. 119-134, 2011.

FRAIMAN, Leo [et al.]. **O efeito Covid-19 e a transformação da comunidade escolar**. 1. ed. – São Paulo: FTD: Autentica, 2020.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, jul. 1998.

GARCIA, Leila Posenato. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. e2020023, 2020.

GONDRA, José Gonçalves. Homo Hygienicus: Educação, higiene e a reinvenção do homem. **Caderno Cedes**, v. 23, nº 59, p. 25-38, 2003.

GUTIERREZ, Washington. **História da Educação Física**. 4. ed. Porto Alegre: IPA, 1985.

ISER, Betine Pinto Moehlecke et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020.

JUNIOR, João Batista Bottentuit. **O aplicativo Kahoot na educação: verificando os conhecimentos dos alunos em tempo real**. In: Livro de atas X Conferência Internacional de TIC na Educação—Challenges. 2017. p. 1587-1602.

MADDALENA, Tania Lúcia; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. **O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 29 dez. 2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Autêntica, 2017.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, S. et. al (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017.

PÁDUA, Antonio; SOUSA, Fabiana Araújo. **Google Forms e Flubaroo: feedback escolar de forma sustentável**. Natal, RN. Congresso Regional sobre Tecnologias na Educação, 23 a 25 de maio, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 33, n. 33, p. 11-125, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora**. Coisas do gênero, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 302-314, ago.-dez., 2016.

QUEIROZ, Pedro Henrique Santos. **Uma sopa de ideias**. Cadernos de Saúde Pública <https://doi.org/10.1590/0102-311X00108220> 2020.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982.

RIBEIRO, Ana Elisa. Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclos da precariedade. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-16, 2021.

SANAR SAÚDE. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 20 março 2022.

SILVA, Ivandilson Miranda. **O governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 5, n. 16, p. 1478-1488, 29 dez. 2020.

SOUZA, Jeane Mendes Pinheiro de. A depressão entre docentes no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 06, Vol. 12, p. 128-141, 2021. Disponível: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/depressao-entre-docentes>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

TORRES, Aline Lima et al. **As tecnologias da informação e comunicação e a educação física escolar: a realidade de professores da rede pública municipal de Fortaleza.** ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 198-214, abr. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8640601>>. Acesso em: 05 mar. 021.